

APOSTILA DE ESTUDOS

HISTÓRIA DA ARQUITETURA E URBANISMO: DA ANTIGUIDADE AO RENASCIMENTO

CAUFAG

2009.1

AUTORA: PROF. ARQ. SOLANGE IRENE SMOLAREK DIAS

BIBLIOGRAFIA :

1. <http://www.geocities.com/Athens/Atlantis/9522/arte/arquitetura.htm> Sem indicação de autoria do site
2. HISTÓRIA DA ARQUITECTURA – DA ANTIGUIDADE AOS NOSSOS DIAS. Jan Gympel
3. A HISTÓRIA DA ARQUITETURA – Jonathan Glancey

1º BIMESTRE

1- INTRODUÇÃO – HISTÓRIA DA ARQUITETURA

A História da Arquitetura é a história do notável esforço humano. É a história de como conseguimos abrigo. Em sua melhor forma a arquitetura, que é diferente do mero edificar, eleva nossos espíritos e nos emociona. Na pior, ela nos diminui. A arquitetura é um tema vasto, que abrange a história da civilização.

Há uma diferença entre construção e arquitetura. Os animais, podem construir. Os humanos, porém, desenvolveram a arquitetura. Esta é a ciência e a arte de construir ou, sendo mais poético, o momento em que um edifício é imbuído de uma magia sábia que o transforma de mero abrigo em obra de arte consciente de si.

A arquitetura é uma arte em contínua evolução. Ela mapeia nossas ambições em três dimensões sólidas. As primeiras obras realmente arquitetônicas que conhecemos são os templos. **Desde a idade do Bronze, a humanidade tentou ligar-se ao eterno e construir em harmonia com o cosmo.**

É significativo que as religiões monoteístas (especialmente o cristianismo) refiram-se a Deus como a grande e original Arquiteto.

Quão importante tem sido a arquitetura para nossa vida, e quão distinta é da construção. **A arquitetura sempre foi uma espécie de religião e os arquitetos, um tipo de sacerdotes.** Foram como xamãs mágicos transformando pedra, tijolo, mármore, ferro, aço, etc em estruturas sensacionais que elevam nosso espírito acima das preocupações do cotidiano.

Assim como algumas religiões tendem a se dissolver e se dividir em seitas e facções hostis com o passar das gerações, o mesmo ocorre com a arquitetura.

No início do séc. XXI há muito mais arquitetos do que já houve em qualquer época da história da civilização. **No início do séc XXI, o papel do arquiteto declinou.** Para sobreviver, para continuar a nos entusiasmar como fizeram as grandes mesquitas e templos ao longo de milênios, os arquitetos precisam redescobrir o campo elevado da imaginação, ser os xamãs e mágicos que seus predecessores foram antes da Revolução Industrial, quando construir tornou-se fácil demais.

Naturalmente, temos a arquitetura que merecemos. Se quisermos viver verdadeiramente vidas banais, então o mundo sem arte dos shoppings centers com ar condicionado nos acenam. É uma grande distância dos deuses e da arquitetura como a maioria de nós gostaria que fosse – uma história que foi contada pela primeira vez há uns oito ou nove mil anos atrás.

No início do séc. XXI é difícil imaginar um tempo em que o único arquiteto eram os deuses, e em que as muitas raças que dividiam o mundo não tinham necessidade nenhuma de arquitetura.

A arquitetura surgiu da primeira moldagem consciente de lares, monumentos e cidades, há cerca de oito ou nove mil anos ou, como disse Mies Van der Rohe, "quando dois tijolos foram bem assentados juntos".

CONSTRUIR – NECESSIDADE BÁSICA E ATO SOCIAL

Arkhitékton – "arquicriador" era o nome que os gregos davam ao mestre de obras, uma vez que a arquitetura era considerada a "mãe" das artes plásticas.

Onde o homem vive existem casas, cabanas, tendas. Mas a construção responde também às necessidades da alma e do espírito : as "quatro paredes" e o "teto sobre a cabeça" separam os homens do meio ambiente que os rodeia, criando dimensões próprias, humanas.

Todas as construções representam o espírito da sua época ou, pelo menos, o do dono da obra e o do arquiteto. Representam ainda, mais do que qualquer outra criação humana, as relações sociais.

Construir é um ato social, que depende das relações de poder, políticas e econômicas.

Arquitetura é a arte ou ciência de projetar espaços organizados, por meio do agenciamento urbano e da edificação, para abrigar os diferentes tipos de atividades humanas. Seguindo determinadas regras, tem como objetivo criar obras adequadas a seu propósito, visualmente agradáveis e capazes de provocar um prazer estético. No século I a.C., o arquiteto e tratadista romano Vitruvius determinou as três condições básicas da arquitetura: *firmitas*, *utilitas* e *venustas* (resistência, funcionalidade e beleza).

A arquitetura se materializou através de diferentes estilos ao longo da história, como o gótico, o barroco e o neoclássico, podendo, também, ser classificada de acordo com outros estilos mais ou menos homogêneos, associados a uma cultura ou um período histórico determinado.

O estilo arquitetônico reflete certos valores ou necessidades sociais, independentemente da obra construída (casas, fábricas, hotéis, aeroportos, igrejas, etc.). Seja qual for o caso, a arquitetura não depende simplesmente do gosto dos cânones estéticos, levando também em consideração uma série de outras questões práticas, estreitamente relacionadas entre si: a escolha dos materiais e sua aplicação, a disposição estrutural das cargas e o preceito fundamental do uso a que está destinado o edifício.

Da arquitetura dos tempos pré-históricos pouco se conhece, a não ser alguns monumentos megalíticos; mesmo esses, a rigor, não podem ser considerados arquitetura - que só aparecem realmente quando o homem constrói várias partes ligadas entre si, para delimitar determinado espaço.



Com o correr do tempo, esses trabalhos foram surgindo, com os mais diversos estilos: das obras da Antiguidade, chegaram até nós apenas restos de edifícios e esculturas. Apesar disso, pelo estudo de monumentos, túmulos e baixos-relevos, têm-se uma idéia bem clara das tendências artísticas das civilizações então.



Este edifício é um imponente palácio assírio, com suas ameias feitas de degraus, sua decoração em tijolos esmaltados de várias cores - especialmente amarelo e azul -, como era característico do estilo arquitetônico daquela civilização. Daquela, não de outras, pois, de **acordo com a época e os lugares, os gostos e costumes são diferentes e a arquitetura também varia.**

O estilo de uma época, de um lugar, de um determinado artista, depende, portanto, de muitos fatores - religiosos, geográficos, políticos, tecnológicos. Sem o concreto armado ou o ferro, é claro que a arquitetura moderna não existiria tal como é hoje.

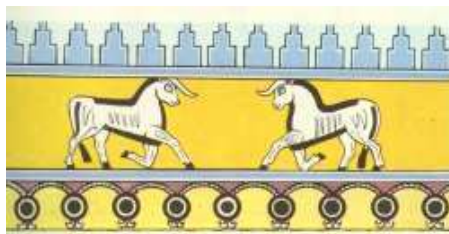
Através da história, uma série de fatores geraram diferentes formas de construção. Desse modo, **as obras mais nobres da arquitetura - templos, igrejas, catedrais e mesquitas - nasceram de motivações religiosas** e servem para criar lugares propícios ao diálogo com Deus, à doutrinação dos fiéis ou à celebração de rituais sagrados. Outro fator motivador foi o sentimento de segurança: as estruturas mais duradouras eram construídas para serem também elementos de defesa, como as muralhas e os castelos.

Na Mesopotâmia, região compreendida entre os rios Tigre e Eufrates (atual Iraque), desenvolveram-se várias civilizações com estilos arquitetônicos variados e peculiares. Os primitivos habitantes daquela região construíam suas casas de junco e argila. Mas já desde 5.000 anos a.C. eram conhecidos o tijolo solidificado ao sol e as fundações de pedra. Em 3.000 anos a.C. usaram-se na Mesopotâmia o tijolo cozido e o mosaico de terracota; havia decorações com afrescos, baixos-relevos e frisos. Antes do fim do segundo milênio a.C. os hititas construíram grandes templos de pedra, rodeados por muralhas com altas torres e portas ladeadas por esfinges esculpidas.

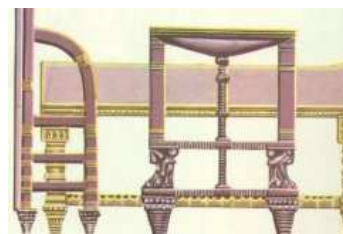
Em 1.000 a.C., a arquitetura atingiu grande esplendor entre os assírios: usavam largos pórticos sustentados por colunas de madeira, com bases ricamente ornamentadas, a cujos lados colocavam pesadas esculturas de animais. Os babilônios, que depois dos assírios dominaram a Mesopotâmia, conservaram os elementos assírios, do mesmo modo que os persas.



Indumentária assíria



Decoração mural assíria



Móveis de estilo assírio

As culturas primitivas utilizavam-se, portanto, dos produtos disponíveis à sua volta e inventaram utensílios, técnicas de exploração e tecnologias de construção para poder utilizá-los em suas edificações. Seu legado serviu de base para o desenvolvimento dos métodos industriais modernos.

Um dos fatores que mais influenciou a arquitetura ao longo da história foi o desejo de ostentação: edifícios que fossem o orgulho de um povo, que refletissem o status pessoal ou coletivo, ou palácios para reis e imperadores, construídos como símbolos de seu poder. Em geral, as classes privilegiadas sempre foram mecenas de arquitetos, artistas e artesãos, e seus projetos se converteram, algumas vezes, no melhor legado artístico de sua época.

2- ARQUITETURA NA PRÉ-HISTÓRIA

Não se pode falar de uma arquitetura pré-histórica no sentido artístico, apesar de seu caráter funcional. Até chegar a fundar as primeiras cidades, como Catal Huyuk, na Turquia, no ano de 6500 a.C., o homem passou da intempérie para as cavernas e tendas.



Catal Huyuk, Turquia, 6500 a.C.

Os primeiros Homo Sapiens refugiavam-se nos lugares que a natureza lhes oferecia, podendo ser em aberturas nas rochas, cavernas, grutas ao pé de montanhas ou até no alto delas. Mais tarde eles começariam a construir abrigos com as peles dos animais que caçavam ou com as fibras vegetais das árvores das imediações, que aprenderam a tecer, ou então combinando ambos os materiais.



Os primeiros assentamentos estáveis tiveram origem no desenvolvimento da agricultura e no armazenamento de alimentos em ânforas. **Somente no final do neolítico e início da idade do bronze é que surgiram as primeiras construções de pedra**, principalmente entre os povos do Mediterrâneo e os da costa atlântica. No entanto, como **esses monumentos colossais tinham a função de templo ou de câmaras mortuárias**, não se tratando de moradias, seu advento não melhorou as condições de habitação.

Nos primórdios da História, egípcios e sumérios já dispunham dos elementos fundamentais de uma arquitetura artística. Em palácios e templos, os babilônios, hititas e persas levaram a arquitetura a um nível majestoso. Mas foram os gregos que superaram a arte oriental e egípcia com um gênio criador que até hoje pode ser admirado no Partenon de Atenas e em outros vestígios.

Os deuses gregos não estavam separados dos homens. Conviviam com eles e tomavam de empréstimo suas feições. Por esse motivo, os templos eram construídos mais como moradias dos deuses que como lugares de adoração. Esculturas e pequenos modelos de argila, datados de 1.000 anos antes de Cristo e descobertos pelos arqueólogos, mostram que os primeiros templos eram semelhantes às cabanas dos gregos.



Evolução dos estilos arquitetônicos na construção de templos

Para erigir seus monumentos, os homens da época provavelmente começaram por levantar uma coluna, em honra de um deus ou de um acontecimento importante. Esses monumentos pré-históricos eram pedras, cravadas verticalmente no solo, às vezes bastante grandes (megalito denominado menir). Pelo peso dessas pedras, algumas de mais de três toneladas, acredita-se que não poderiam ter sido transportadas sem o conhecimento da alavanca.



Estátua-menir



Alinhamento de menires



Dólmen em forma de mesa

Estas pedras (os menires) deram origem às colunas. Mais tarde **percebeu-se que, usando três elementos, era possível construir**. Assim nasceu o dólmen, em forma de mesa, ou o trilito (três pedras), formado por duas colunas que apoiavam uma arquitrave. Uma série de trilitos fez a colunata.



Coluna



Trilito



Colunata

O dólmen ou galeria coberta, espécie de corredor que facilitava o acesso a uma tumba, foi de grande importância na história da arquitetura porque nele se baseava a arte de construção praticada pelos gregos antigos. O princípio das colunas e da arquitrave foi usado para sustentar o arco das portas e janelas, sendo este o caminho para construção das cabanas aos templos mais majestosos. As duas colunas verticais chamavam-se jambas; a coluna sobreposta em arco ou abóbada, dintel.



Dólmen de Chan de Arquina



Dólmen de Creu d'en Cobertella



Interior de uma habitação neolítica



Nave de Tudons

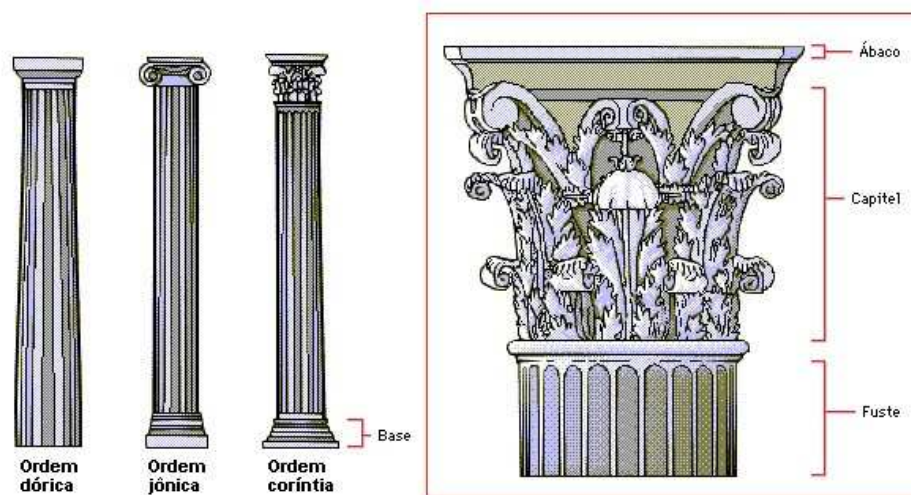
Nas primeiras casas, a arquitrave - geralmente de madeira ou pedra - sustentava o dintel da porta de entrada e das pequenas janelas. Para abrigar as estátuas dos deuses, pensou-se num pórtico sobressalente, avançado, tanto para acolher a multidão de fiéis como para engrandecer a morada dos deuses. Esse pórtico saliente - pronau - era sustentado por um par de colunas e foi enriquecendo-se aos poucos até tornar-se um elemento decorativo indispensável.



De duas colunas, a pronau evoluiu para uma série de colunas, depois duas séries, em plano inferior à principal sala do templo - a cela - cuja finalidade era poder suportar um teto maior. Acrescentou-se então outro pórtico na parte posterior do templo, o epistódomo. Por fim, o templo foi inteiramente rodeado por uma colunata, o peristilo. Essa colunata permitia a construção de edifícios maiores, porque, além das colunas, também as paredes internas sustentavam o teto e o beiral saliente resguardava da chuva as paredes de barro.

Nos prédios mais antigos, a colunata e todas as outras partes eram feitas não de mármore, mas de fortes troncos de madeira. Para resistir ao tempo, era necessário usar a pedra. Porém os gregos desejavam conservar os desenhos de seus templos. Por isso, cerca de 650 a.C., aparecem os primeiros templos de pedra esculpida, colocada exatamente como nos velhos edifícios de madeira. Poucos templos chegaram a conservar por alguns séculos as suas colunas de madeira. Em geral, conforme estragavam, elas iam sendo substituídas por outras iguais, porém de pedra.

A ordem arquitetônica, expressão usada pelos artistas gregos, designava o conjunto dos elementos que compunham a construção. Segundo as proporções e características decorativas desses elementos, principalmente das colunas, definiam-se então as diferentes ordens (dórica, jônica, coríntia e outras ordens).



3- MESOPOTÂMIA

A arquitetura da **Mesopotâmia empregou nos seus estágios iniciais tijolos de barro cozido, maleáveis**, mas pouco resistentes, o que explica o alto grau de desgaste das construções encontradas. As obras mais representativas da construção na Mesopotâmia - os zigurates ou templos em forma de torre - são da época dos primeiros povos sumérios e sua forma foi mantida sem alterações pelos assírios. Na realidade, os zigurates (pirâmides com degraus e rampas laterais coroada por um templo), tratavam-se de edificações superpostas que formavam um tipo de torre de faces escalonadas, dividida em várias câmaras.



Vista do zigurate de Ur - Mesopotâmia



Detalhe da escadaria do zigurate de Ur



Ruínas do zigurate de Aquarqui



Detalhes da escadaria da apadana de Persépolis

O zigurate da cidade de Ur é um dos que se conservam em melhor estado, graças a Nabucodonosor II, que ordenou sua reconstrução depois que os acádios o destruíram. O templo consistia em sete pavimentos e o santuário ficava no terraço. Acredita-se que na reconstrução tentou-se copiar a famosa Torre de Babel, hoje destruída. O acesso ao último pavimento era feito por escadarias intermináveis e estreitas que rodeavam os muros. O templo era dedicado ao deus Nannar e à esposa do rei Nabucodonosor, Ningal.



Zigurate de Ur

Totalmente construído com tijolos cozidos e palha, o grande zigurate de Ur ainda mantém de pé sua magnífica escalinata. Sua imponente figura em meio à planície da cidade o transforma no centro social e religioso.

A arquitetura monumental aquemênida retomou as formas babilônicas e assírias com a monumentalidade egípcia e o dinamismo grego. Os primeiros palácios de Passárgada, de Ciro, o Grande (559 a.C. - 530 a.C.), possuíam salas de fileira dupla de colunas acaneladas com capitéis em forma de cabeça de touro, de influência jônica. Para centralizar o poder, Dario (522 a.C. - 486 a.C.) transformou Susa e Persépolis respectivamente em capitais administrativa e religiosa. Seus palácios, obras do renascimento oriental, foram as últimas testemunhas da arquitetura oriental antiga.



Ruínas do palácio de Dario - Persépolis
 Arte Persa



Ruínas da apadana ou sala de audiências
 Persépolis

O palácio de Dario, em Persépolis, é uma mistura de todos os estilos produzidos pela arquitetura antiga. Com isso, os reis aquemênidas pretendiam aparentar uma imagem de universalidade e grandeza. Ao conquistar a capital Persa, Alexandre Magno destruiu seu palácio, mas a influência dessa cultura antiga chegou a suplantiar a helênica em várias épocas de seu reinado.

No que se refere às tumbas, os monarcas aquemênidas, que não seguiram a tradição zoroástica de expor seus cadáveres às aves de rapina, mandavam escavar suntuosos monumentos funerários nas rochas de montanhas sagradas. **Uma das tumbas mais conhecidas é a de Dario I**, na encosta do monte Hussein-Kuh. **Sua fachada imita o portal de um palácio e é coroada com o disco do deus Ahura Mazda. Este foi o modelo seguido posteriormente nas necrópolis.**



Fachada da tumba de Ataxerxes II - arte Persa



Tumba de Ciro II - Parságada

As esplêndidas tumbas dos reis aquemênidas no deserto ainda hoje despertam a admiração de todo mundo. Entalhadas na rocha, combinam também elementos arquitetônicos das diversas culturas do mundo antigo.

4- EGITO

2900 A 700 A . C .

Pouco sobreviveu das habitações do antigo Egito ao passar do tempo. **Do império antigo só restaram os túmulos com funções de culto.**

A morte era tida como passagem para uma outra forma de vida que, no entanto, só seria possível se o corpo permanecesse intacto. Muitas vezes eram copiados, com maior ou menor exatidão, palácios, casas ou até jardins que tivessem sido habitados pelo morto. Foi assim que, por volta de 2780-2680 A.C. foi construída uma cópia do palácio faraônico de Menfis, para o túmulo de Zoser, em Sacará.

No entanto, sobre esta **mastaba, foram amontoadas cinco outras**, sucessivamente menores, até ter sido atingida a altura de cerca de 60 metros. Esta construção tem um simbolismo religioso : **a pirâmide de degraus representando uma escada pela qual o faraó morto ascende ao céu.**

No decurso do **3. milênio A . C .** , os faraós começaram a serem vistos como filhos de Rá, o deus do sol, e **o culto do sol tornou-se religião oficial. As pirâmides – agora com uma base quadrada e paredes exteriores lisas – tornaram-se setas luminosas, revestidas com uma camada de calcário brilhante e um vértice dourado (nenhum sobreviveu ao passar do tempo) : símbolos do feixe de raios no qual, segundo a crença, o faraó se elevaria até Rá.**

PIRÂMIDES DE GUISÉ : edificação em escada que representava aos olhos de todos a hierarquização da sociedade e a garantia indestrutível da legitimidade eterna da cultura egípcia.

No início do Império antigo, as coberturas dos templos eram apoiadas em colunas simples, sem base e sem capitel. No período das pirâmides, na segunda metade do 3. milênio A . C . , começaram a utilizar-se **colunas inspiradas em flores de lótus, de papiro e em palmeiras. Estas formas não tinham motivos construtivos mas sim de ordem religiosa.**

No império novo (de 1570 A . C . a 715 A . C .), tornou-se preponderantes os templos com disposição axial.

Os templos dedicados ao deus Amon, Luxor e Karnak, no vale do Nilo, nos dão a impressão de que a visão religiosa e filosófica dos arquitetos e projetistas foi marcada pelo rio e pela natureza envolvente.

O papel do império novo, no desenvolvimento da humanidade chegou ao fim no ano de 332 A . C . , com a conquista de Alexandre, o grande



Templo de Luxor

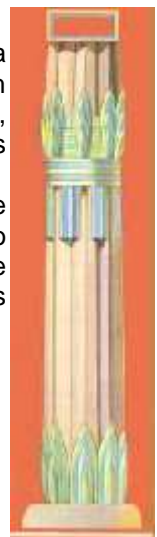
O templo de Luxor, ao lado do templo de Karnak, foi um dos maiores monumentos da cidade de Tebas, no Egito Antigo. Sua construção foi levada a efeito sob o reinado de Amenhotep III, e dedicado à tríade de Tebas. Embora colossal em tamanho - cerca de **275 m de comprimento** -, **apresenta ao mesmo tempo linhas simples, geométricas**. Colunas, muros e arquivoltas eram cobertos por motivos inspirados nas vitórias do faraó, em cores vivas. À frente do templo havia estátuas colossais e **dois obeliscos que estão hoje na Praça da Concórdia, em Paris**.

A arquitetura egípcia aliava imponência e simplicidade. Todas as suas formas se originavam da casa residencial. Esta tinha plano retangular e dispunha-se em torno de troncos de palmeiras ou de outras árvores. **Mesmo depois que os egípcios adotaram outros materiais - como a pedra -, subsistiram na decoração os temas vegetais: lótus, palma, papiros.**

Com a expansão do poder do clero, o templo passou a ser a forma arquitetônica dominante; neles, fileiras de esfinges ladeavam a estrada sagrada. As colunas eram coloridas, ostentando motivos da natureza vegetal. O capitel, perfeitamente geométrico, tinha os ornatos na base e no alto da coluna estilizando a flor de lótus (uma das características mais marcantes da arquitetura e decoração egípcias).



Os móveis, de formas rígidas, eram ricamente ornados de uma decoração de cores vivas - seguindo o mesmo estilo da arquitetura. Flores de lótus e papiro, brotos, grinaldas e animais aparecem nas decorações dos móveis.



As cores eram sempre vivas e as linhas muito simples, geométricas, como na arquitetura e mesmo nas vestimentas. Note que também a taça tem forma de flor de lótus.

A escultura servia então à arquitetura completando-a, geralmente em forma de baixos-relevos que - de pedra ou bronze - representavam tanto as cenas diárias quanto as vitórias dos faraós, ou ainda paisagens simplificadas. Nunca há perspectiva: nas figuras, olhos e ombros aparecem de frente, embora o resto do corpo de perfil;



O faraó é sempre muito mais alto que o sacerdote ou militar, o cortesão, o servo, o inimigo derrotado. Mas é menor do que o deus que personificava na terra, segundo os egípcios.



A pintura complementava a escultura ou decorava as grandes superfícies dos edifícios. Não se utilizavam gradação, mistura de tonalidades, nem claro-escuro. As cores mais comuns eram cinza e azul, além do preto. No teto azul dos templos, as estrelas estão representadas por pequenos pontos luminosos.

As pirâmides são sem dúvidas o paradigma da arquitetura egípcia. Suas técnicas de construção continuam sendo objeto de estudo para engenheiros e historiadores. **A pirâmide foi criada durante a dinastia III, pelo arquiteto Imhotep, e essa magnífica obra lhe valeu a divinização.** No início as tumbas egípcias tinham a forma de pequenas caixas; eram feitas de barro, recebendo o nome de mastabas (banco). **Foi desse arquiteto a idéia de superpor as mastabas, dando-lhes a forma de pirâmide.** Mastabas portanto, eram edificações que se sobressaiam da terra, nas tumbas egípcias, e eram formadas por um módulo compacto de pedras ou tijolos, tendo as paredes inclinadas e de forma retangular.

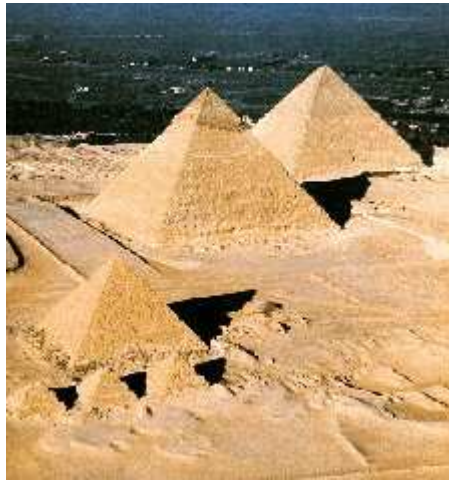


Pirâmide escalonada de Djeser

A pirâmide escalonada de Djeser, idealizada pelo arquiteto e médico Imhotep, é a primeira estrutura desse tipo. Construída com pedra em vez de adobe, veio a ser a novidade que deixou para trás a tradicional mastaba, muito mais simples na forma. **Também se deve a Imhotep a substituição do barro pela pedra, o que sem dúvida era mais apropriado, tendo em vista a conservação do corpo do morto.**

As primeiras pirâmides foram as do rei Djeser, e elas eram escalonadas. As pirâmides mais célebres do mundo pertencem à dinastia IV e se encontram em Gizé: Quéops, Quéfren e Miquerinos, cujas

faces são completamente lisas. A regularidade de certas pirâmides deve-se aparentemente à utilização de um número áureo, que muito poucos arquitetos conheciam.



Pirâmides de Quéops, Quéfrem e Miquerinos

Outro tipo de construção foram os **hipogeus, templos escavados nas rochas**, dedicados a várias divindades ou a uma em particular. Normalmente eram divididos em duas ou três câmaras: a primeira para os profanos; a segunda para o faraó e os nobres; e a terceira para o sumo sacerdote. A entrada a esses templos era protegida por galerias de estátuas de grande porte e esfinges.



Entrada do templo de Abu Simbel

5- ARQUITETURA GREGA

Em estreita ligação com o Egito, e do outro lado do Mediterrâneo desenvolveu-se por volta de **2000 A . C . a cultura cretense**, e o que resta são os palácios de Cnossos e Faistos. Nenhuma obra da antiguidade se encontra completa e no seu estado original.

Isto também é válido para a cultura micênica, que se desenvolveu no continente grego por volta de 1600 A . C ., e cujas construções mais importantes foram as fortalezas de Micenas e Tirinto.

A partir de 1200 A . C . os dórios conquistaram o Peloponeso, absorvendo elementos cretenses e micênicos

Esta situação ficou evidente por volta de **800 A . C .** **começou-se a formar uma identidade nacional que abarcava toda a Grécia**, com mitos, cultos e jogos comuns – as Olimpíadas – bem como uma arquitetura homogênea. **O templo era o gênero de construção mais importante**, além dos teatros que também eram locais de celebração de cerimônias.

Os gregos foram os primeiros artistas realistas da história, ou seja, os primeiros a se preocuparem em representar a natureza tal qual ela é. Para fazerem isso, foi fundamental o estudo das proporções, em cuja base se encontra a consagrada máxima segundo a qual o **homem é a medida de todas as coisas**. Pode-se distinguir quatro grandes períodos na evolução da arte grega:

- o geométrico (séculos IX e VII a.C.),
- o arcaico (VII e VI a.C.),
- o clássico (V e IV a.C.) e
- o helenístico (do século III ao I a.C.)

No chamado período geométrico, a arte se restringiu à decoração de variados utensílios e ânforas. Esses objetos eram pintados com motivos circulares e semicirculares, dispostos simetricamente. A técnica aplicada nesse trabalho foi herdada das culturas cretense e micênica.

Passado muito tempo, a partir do século VII a.C., durante o denominado período arcaico, a arquitetura e a escultura experimentaram um notável desenvolvimento graças à influência dessas e outras culturas mediterrâneas. Também pesaram o estudo e a medição do antigo megaron micênico, sala central dos palácios de Micenas a partir da qual concretizaram os estilos arquitetônicos do que seria o tradicional templo grego.



Entre os séculos V e IV a.C., a arte grega consolida suas formas definitivas. Na escultura, somou-se ao naturalismo e à proporção das figuras o conceito de dinamismo refletido nas estátuas de atletas como o Discóbolo de Miron e o Doríforo de Policleto. Na arquitetura, em contrapartida, o aperfeiçoamento da ótica (perspectiva) e a fusão equilibrada do estilo jônico e dórico trouxe como resultado o Partenon de Atenas, modelo clássico por excelência da arquitetura dessa época.



GRÉCIA CLÁSSICA E HELENISMO 800 A 30 A . C .

No século III, **durante o período helenístico, a cultura grega se difunde**, principalmente graças às conquistas e expansão de Alexandre Magno, por toda a bacia do Mediterrâneo e Ásia Menor.

No Egito, como em outras culturas desenvolvidas da altura, a arte da construção era um conhecimento secreto. **O estilo grego usa regras matemáticas inteligíveis, e o acesso a este conhecimento era praticamente livre.**

A forma de organização da cidade-estado, a polis correspondia a esta idéia. A defesa da cidade e as boas relações com a divindade que a protegia eram de responsabilidade de cada indivíduo.

Num mundo voltado para a emancipação do Homem, as proporções das moradas das divindades não tiveram dimensões abstratas, mas valores adquiridos pela experiência do corpo humano.

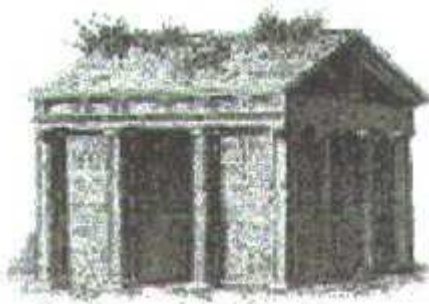
Só aos deuses era permitido viver acima da povoação dos homens na "acrópolis" (cabeça da cidade).

No templo de Apolo e Basse, as colunas passaram a ter uma função meramente decorativa. A decoração veio a sobrepor-se ao realce dos elementos construtivos. Neste templo existe a mais antiga coluna coríntia que se conhece : o capitel com todos os seus lados decorados com folhas de acanto.

A ordem jônica, surgida na Ásia Menor e no Egeu, impôs-se cada vez mais em toda a Grécia. O templo de Artemisa em Éfeso, um dos mais importantes templos jônicos, possuía um peristilo duplo com 96 colunas e um átrio profundo, com uma floresta de colunas quase egípcia.

ORDEM DÓRICA

Não resta dúvida de que o templo foi um dos legados mais importantes da arte grega ao Ocidente, devendo suas origens ser procuradas no megaron micênico - aposento, de morfologia bastante simples, apesar de ser a acomodação principal do governante - que nada mais era do que uma sala retangular, à qual se tinha acesso através de um pequeno pórtico (pronaos), e quatro colunas que sustentavam um teto parecido com o atual telhado de duas águas.



No princípio, esse foi o esquema que marcou os cânones da edificação grega e foi a partir do aperfeiçoamento dessa forma básica que se configurou o templo grego tal como o conhecemos hoje, sendo pelo tipo de coluna que se conhece essa arquitetura, nascida há 2.500 anos, e que continua a fascinar os estudiosos e a atrair turistas às colunas de Atenas.



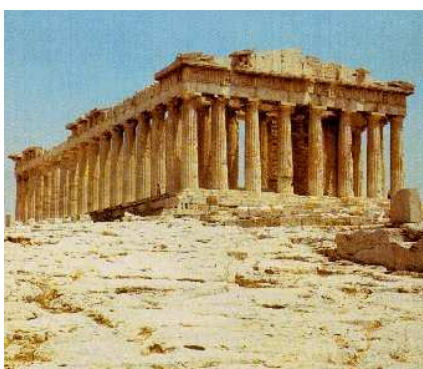
Os templos dóricos eram em geral baixos e maciços. As grossas colunas que lhes davam sustentação não dispunham de base, e o fuste tinha forma acanelada. O capitel, em geral muito simples, terminava numa moldura convexa chamada de equino. As colunas davam suporte a um entablamento (sistema de cornijas) formado por uma arquitrave (parte inferior) e um friso de tríglifos (decoração acanelada) entremeados de métopas.



O Partenon, célebre templo da ordem dórica e o maior da Acrópole de Atenas, foi construído no século V a.C. (entre os anos 447 e 438 a.C.) e **dedicado a Atenea Parthenos**, uma das deusas mais importantes de mitologia grega. Na mitologia romana, chegou a ser identificada com a deusa Minerva, também conhecida como Palas Atenéia. O templo foi projetado pelos arquitetos Ictinos de Mileto e Calícrates, embora sua concepção esteja de certa forma relacionada a figura do escultor Fídias.

A maravilhosa proporção de suas partes deve-se a uma regra precisa: tomar o raio médio da coluna redonda como medida-padrão (módulo) para a construção inteira. Assim, suas colunas têm altura equivalente a 11 módulos e o entablamento mede um terço da altura (aproximadamente 4 módulos).

No duplo peristilo do Partenon, há 8 colunas na frente e 16 colunas em cada lado. Havia no interior do templo de Partenon uma estátua da deusa Atena, feita inteiramente de ouro e marfim, muito mais alta que um homem, mas que nada restou, além de modelos em argila que seus devotos guardavam, ou das descrições que deixaram os viajantes.



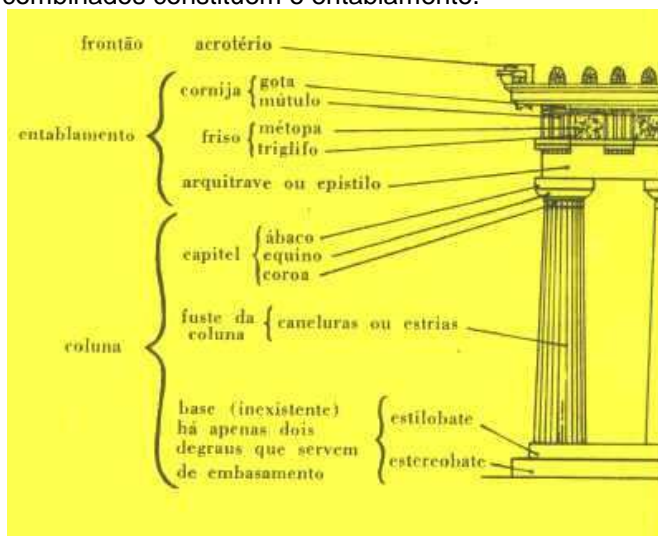
Os primitivos templos gregos eram considerados morada dos deuses. Num aposento especial, voltado para leste, ficava a estátua da divindade. Havia um pórtico, que os gregos chamavam prónaos, e uma sala grande, chamada, por sua vez, náos. Alguns templos maiores eram rodeados por colunas. A náos, nesses templos, tinha também duas fileiras de colunas internas para auxiliar a sustentação do teto. No começo, os materiais utilizados eram o adobe - para as paredes - e a madeira - para as colunas. Depois, a partir do século VII a.C. (período arcaico), eles foram caindo em desuso, sendo substituídos pela pedra e pelo mármore. Essa inovação permitiu que fosse acrescentada uma nova fileira de colunas na parte externa (peristilo) da edificação, fazendo com que o templo obtivesse um ganho no que toca à monumentalidade. Surgiram então os primeiros estilos arquitetônicos. Inicialmente, duas ordens (ou estilos) arquitetônicos predominavam: a dórica (ao sul, nas costas do Peloponeso) e a jônica (a leste). Depois, bem mais tarde, apareceu mais uma, a ordem coríntia.

A ordem dórica foi a primeira e a mais simples das ordens arquitetônicas, sendo uma versão em pedra das peças de madeira. O estilo dórico vem em primeiro lugar por uma razão muito simples: o dórico foi um dos primeiros povos que dominaram a Grécia. Nessa ordem, a parte principal da coluna, ou fuste, repousa diretamente sobre o embasamento; o acabamento no alto da coluna, ou capitel, é extremamente simples; a parte que assenta sobre os capitéis, ou arquitrave, é larga, maciça, sem rebuscamentos.



No estilo dórico, as colunas têm sulcos de cima a baixo (caneluras), porque essa é a maneira mais fácil de se adornar um tronco de madeira. No topo, uma peça redonda (equino), para impedir a penetração de água das chuvas. Sobre o equino, uma peça plana (ábaco), para distribuir por igual o peso da arquitrave e, sobre esta, apoiadas, as pontas das vigas de madeira do teto, esculpidas com três sulcos (triglifo) e com peças decoradas ou simples para preencher os vão (métopas).

Finalmente, o beiral do teto (cornija), decorado com peças de cerâmica ao longo das extremidades (acrotério). O equino junto com o ábaco recebe o nome de capitel; os triglifos e métopas formam o friso; o friso e a cornija combinados constituem o entablamento.

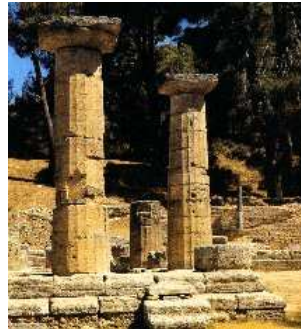


As ordens arquitetônicas gregas dividem-se em três partes principais: o entablamento, a coluna e o embasamento

Os mais importantes templos da antiga Grécia foram os da ordem dórica. Esses templos eram em geral baixos e maciços. As grossas colunas que lhes davam sustentação não dispunham de base, e o fuste tinha forma acanelada. O capitel, muito simples, terminava numa moldura convexa a um entablamento (sistema de cornijas) formado por uma arquitrave (parte inferior) e um friso de triglifos (decoração acanelada) entremeados por métopas.



Já no século V a.C. os gregos antecipavam uma prática que os romanos adotariam muito mais tarde onde as várias partes de uma ordem podiam ser usadas para construir templos de forma diferente da retangular, tradicional até então. Chegaram a fazer um templo circular chamado Tholos, na cidade de Delphos.



Os primeiros templos provavelmente tinham tetos de palha (sapé). Depois, os tetos passaram a ter a peça triangular achatada (pedimento) e puderam ser utilizadas telhas de cerâmica. O pedimento, ao lado do peristilo, é uma das características mais conhecidas do templo grego.

Na arquitetura grega, nada era arbitrário ou puramente decorativo e, em virtude do sistema padrão de medida, até os detalhes que normalmente têm dimensões fixa, como portas e janelas, variavam de proporção em harmonia com o conjunto. Foi no Partenon que essa harmonia atingiu seu mais alto grau, tornando-o uma das maiores obras de arte de todos os tempos.

Os templos de Poseidon (Netuno) e de Hera, em Paestum, na Itália, e os templos de Selinunte, na Sicília, além do Partenon, representam os monumentos melhor conservados da ordem dórica, e datam do século V a.C.. **A sua mais notável característica é a curvatura das linhas, que dão aparência de retas, mas na realidade apresentam uma pequena curvatura, para eliminar a impressão de divergência das numerosas colunas.** No templo de Asso a diminuição progressiva do diâmetro das colunas lhes dá quase a forma de um fuso, sendo uma das primeiras inclusões, num templo dórico, de um friso da ordem jônica.



Detalhe do canto do Partenon



Detalhe do Partenon



Monstros alados como decoração

Por quase quatro séculos - do século VI ao III a.C. - a ordem dórica predominou na Grécia, Ásia Menor, Sicília e Itália meridional, criando belos monumentos. **Depois de atingir seu ápice, no Partenon de Atenas, mais ou menos no terceiro século a ordem dórica começou a ser abandonada. Para sucedê-la, aparecia outra maravilha da arte grega: a ordem jônica, com características diferentes: colunas mais delgadas e mais graciosas, com ligeiro estriado, base tripla e um capitel em voluta.** Apesar de sua base dórica, o Partenon reflete algo da sutileza da influência jônica.

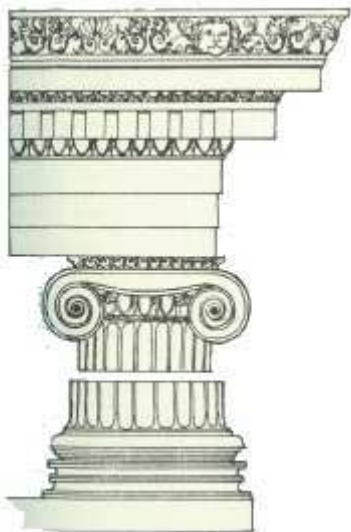
ORDEM JÔNICA

A ordem jônica tem antecedentes na arquitetura dos assírios, hititas e de outros povos da Ásia Menor. Espalhou-se no século V a.C. por muitas cidades-estado e pelas colônias gregas na Sicília. Em Atenas, foi resultar num estilo característico, o ático-jônico.

No mundo grego, os estilos eram identificados de acordo com as ordens arquitetônicas que regulamentavam toda a obra dos artistas. A ordem dórica é expressa por uma coluna simples, com caneluras profundas, sem base e encimada por um capitel. **A jônica é mais fina e graciosa, tem coluna canelada e capitel com volutas.** A ordem coríntia, por sua vez, tem coluna bem canelada e capitel profusamente decorado com folhagens, o que o faz bastante diferente dos outros.



Ali, mas uma vez vemos como o vestuário se relaciona com as linhas da arquitetura. O peplo dórico (à esquerda), como a coluna do mesmo estilo, é sóbrio - severo até. O quitão jônico (à direita), ao contrário, apresenta-se bem mais leve e esguio - seguindo o estilo da coluna que caracteriza a respectiva ordem arquitetônica



Ao contrário da coluna dórica, a jônica não assenta diretamente sobre patamares, mas tem uma base - plinto - que assume diversas formas. A vantagem do plinto é que todo o conjunto ganha maior leveza. O fuste, por sua vez, afina um pouquinho em direção ao capitel. A coluna é elegante não só porque é mais alta em relação ao diâmetro (corresponde a até 9 vezes o diâmetro, enquanto a dórica não passa de 5 vezes e meia) mas também pelo fato de possuir maior número de caneluras - frisos verticais da coluna - de 24 a 44 (na dórica são de 16 a 20). Além disso, as caneluras jônicas não terminam em arestas vivas, mas são biseladas, ou seja, entre uma e outra há um pequeno risco, ajudando a coluna a parecer mais esguia. O capitel é ornado com desenhos em espiral chamados volutas; entre o capitel e a coluna, feito uma gola trabalhada, há outro tipo de enfeite ovalado, o gorjal.

Também a arquitrave distingue bem as duas ordens: na coluna dórica, a forma desse elemento correspondia às antigas traves de madeira; na jônica, a arquitrave adquire formas muito mais rebuscadas, apresentando três faixas horizontais. A maior delas - a última - é ornada por uma fileira de pérolas; o friso que se segue é, por sua vez, enfeitado por uma série contínua de baixos-relevos. Finalmente, o entablamento - coroação do edifício - equivalente a menos de 1/4 da altura da coluna torna a construção mais leve.



O que o dórico tem de sóbrio, o jônico tem de gracioso. O capitel jônico é parecido com o tipo de penteado feminino então em moda na época, existindo também certa semelhança entre a linha da coluna jônica e um traje de mulher, o quintão.

A construção jônica, de dimensões maiores, se apoiava numa fileira dupla de colunas, um pouco mais estilizadas, e apresentava igualmente um fuste acanelado e uma base sólida. O capitel culminava em duas colunas graciosas, e os frisos eram decorados em altos-relevos.



O Erecteion de Atenas, talvez o mais belo dos templos jônicos, levantando em honra de um lendário herói ateniense chamado Erecteu, terminou sua construção em 406 a.C., estando localizado sobre a Acrópole da cidade.



No interior do templo, guardavam-se os mais sagrados objetos de arte. Na parte sul da construção há um pórtico, o das koré ou cariátides (donzelas, em grego), sustentado, não por colunas, mas por seis estátuas de moças com cestas à cabeça.



O templo de Atenéia, "Nike Aptera", foi construído em 429 a.C. em homenagem a Atenéia vitoriosa. Dentro do templo de Atenéia, os atenienses colocaram a estátua da vitória alada, mas, por via das dúvidas, cortaram-lhe as asas, para que não saísse voando do templo. O templo foi erigido na Acrópole, permaneceu em bom estado até o século XVIII, quando os turcos otomanos - que haviam conquistado a Grécia - aproveitaram o local para armazenar pólvora, usando pedras do edifício para guarnecer o depósito.



ORDEM CORÍNTIA

No período clássico (séculos V e IV a.C.), a arquitetura grega atingiu seu ponto máximo. Aos dois estilos já conhecidos (dórico e jônico) veio se somar um outro, **o coríntio, que se caracterizava por um capitel típico cuja extremidade era decorada por folhas de acanto.**



A ordem coríntia apareceu no século IV a.C. e se caracterizou sobretudo pela forma do capitel. Há uma lenda que explica a origem desse estilo. Diz a lenda que certa vez, uma bela jovem coríntia fora enterrada em campo aberto; sua ama colocara sobre o túmulo um cesto coberto de telhas, contendo objetos que a jovem mais queria. Na primavera seguinte, brotaram no lugar alguns pés de acanto. Encontrando os obstáculos das telhas, as folhas dobraram-se, formando volutas incompletas. Inspirado nesse motivo - continua a lenda -, um arquiteto grego chamado Calímaco teria criado a nova ordem. **Na verdade, porém, o estilo coríntio parece ter sido importado do Egito, onde já existiam templos cujos capitéis eram decorados com motivos florais.**



Embora o período áureo da arte grega tenha terminado por volta de 400 a.C., a ordem coríntia só se afirmou uns 200 anos depois, quando a Grécia já havia perdido muito de sua força e importância.

Tirando a forma do capitel, os demais elementos da ordem coríntia são muito parecidos com os da jônica, como, por exemplo, o fuste estriado, a coluna assentada numa base e a arquitrave dividida em três partes. A coluna é um pouco mais esguia: sua altura é igual a até 11 vezes o diâmetro. A ordem coríntia, por sua própria natureza, exigia dos escultores muita habilidade para ornamentarem os capitéis com duas ou três carreiras de folhas e volutas, estas últimas se enrolando acima das folhas.

O templo de Olympeion de Atenas começou a ser construído em 170 a.C., e só terminou muito tempo depois. Dedicado a Zeus Olímpico, foi o maior edifício coríntio, restando apenas ruínas do templo. Esse estilo seria mais tarde retomado e modificado pelos romanos, que procuravam o luxo e a ostentação.



6- ARQUITETURA ROMANA

Gregos na península itálica mudam sua arquitetura. Passam a ter tendência para a axialidade e para o gigantismo.

O desenvolvimento da arte romana começou a partir do século II a.C., época em que Roma já dominava a totalidade do Mediterrâneo e avançava com passos firmes sobre o norte da Europa e a Ásia. **Duas importantes culturas convergiram no período: a etrusca e a grega.** A primeira, presente desde o início, no século VIII a.C., se caracterizava por um acentuado orientalismo, fruto do estreito contato comercial que os etruscos mantinham com outros povos da bacia do Mediterrâneo. Quanto a influência grega, o processo de helenização dos romanos tornou-se intensivo a partir do século IV a.C. e se traduziu em todos os âmbitos da cultura: a escultura, a arquitetura, a literatura e, inclusive, a religião e a língua.

Discute-se muito se existe ou não um estilo romano. A dúvida provém do fato de que os romanos não criaram um estilo próprio; na verdade, a arquitetura da Roma Antiga é formada por um conjunto de elementos gregos e etruscos. O plano do templo é herdado dos etruscos. Quanto à ornamentação, é grega, sendo coríntia a ordem preferida. Ou se mandavam trazer da Grécia esculturas, colunas e objetos de todo tipo, ou se fazia cópias dos originais nas oficinas da cidade. O espírito romano, mais prático e menos lírico, não demorou muito a oferecer sua própria versão do estilo. Da fusão dessas tendências é que se formou o chamado "estilo romano".

Embora não haja dúvida de que as obras arquitetônicas romanas tenham resultado da aplicação das proporções gregas à arquitetura de abóbadas dos etruscos, também é certo que lhes falta um caráter totalmente próprio, um selo que as distinga.

Para começar, a partir do século II a.C., os arquitetos da antiga Roma dispunham de dois novos materiais de construção. Um deles, o opus cementicium - uma espécie de concreto armado -, era material praticamente indestrutível. Do outro lado estava o opus latericium, o ladrilho, que permitia uma grande versatilidade. Combinado com o primeiro material, ele oferecia a possibilidade de se construir abóbadas de enormes dimensões e, apesar disso, muito leves.

Desde a instauração do império, no século I a.C., **a arte foi utilizada em Roma como demonstração de grandeza.** Não apenas mudou totalmente a imagem da capital como também a do resto das cidades do império. Palácios, casas de veraneio, arcos de triunfo, colunas com estelas comemorativas, alamedas, aquedutos, estátuas, templos, termas e teatros foram erguidos ao longo e ao largo dos vastos e variados domínios do império romano.



Arco do triunfo
Orange, França



Arcadas do peristilo do palácio de
Diocleciano
Split, Iugoslávia



Aqueduto
Pont-du-Gard, França

Os romanos também modificaram a linguagem arquitetônica que haviam recebido dos gregos, uma vez que acrescentaram aos estilos herdados (dórico, jônico e coríntio) **duas novas formas de construção: os estilos toscano e composto.**

Augusto funde as arquiteturas grega e etrusca e dá forma à arquitetura romana, que dura 400 anos.

- Dos etruscos - estradas, pontes, túneis, abobados, tijolos
- Dos gregos - posição de simples decoração

A evolução da arquitetura romana reflete-se fundamentalmente em dois âmbitos principais: o das obras públicas e o das particulares. No âmbito das **obras públicas**, as obras (templos, basílicas, anfiteatros, arcos de triunfo, colunas comemorativas, termas e edifícios administrativos) **apresentavam dimensões monumentais e quase sempre formavam um conglomerado desordenado em torno do fórum - ou praça pública - das cidades.**



Mercados e armazéns do Forum de Trajano -Roma



Basílica de Constantino - Fórum Romano



Foro de Trajano - Roma



Anfiteatro de Nimes - França

As **obras particulares**, como os palácios urbanos e as vilas de veraneio da classe patricia, se desenvolveram em regiões privilegiadas das cidades e em seus arredores, **com uma decoração faustosa e distribuídas em torno de um jardim.**

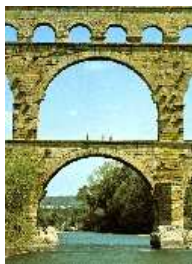


A plebe vivia em construções de insalubres, muito parecidos com nossos atuais edifícios, com portas que davam acesso a sacadas e terraços, mas sem divisões de ambientes nesses recintos. Seus característicos tetos de telha de barro cozido ainda subsistem em pleno século XX.

A engenharia civil romana merece um parágrafo à parte. Além de construir caminhos que ligavam todo o império, os romanos edificaram aquedutos que levavam água limpa até as cidades e também desenvolveram complexos sistemas de esgoto para dar vazão à água servida e aos dejetos das casas.

- Características - capitéu coríntio (helenismo) - transforma-se em compósito
- entablamentos contracurvados
 - no urbanismo - fórum
 - eixos NS e LO
 - construção de teatros, termas, estádios
 - nas vilas - jardins, terraços, colunatas
- Em Roma - arquitetura expressão de poder e domínio
- o poder mandava erigir, pelo exército, edifícios públicos com funções civis.

A expressão dinâmica dos arcos combina com o dinamismo dos romanos.
Abóbadas e cúpulas liberam espaços, sem colunas intermediárias.
Uso do concreto, axialidade, suntuosidade e grandes dimensões caracterizam a arte construtiva romana.



O conceito de grande urbe que tinham os romanos definitivamente era muito semelhante ao que existe em nossos dias.

PANTEON - edifício dedicado a todos os deuses, com diâmetro e altura iguais = 43,30 m. Paredes em alvenaria de tijolos revestidos com mármore.

7- BÁRBARA E/OU PALEOCRISTÃ

300 - 640

Dioclesiano divide o império entre 4 soberanos. A disputa pelo poder continua e Constantino vence, em 312. Estratégia de Constantino: reconciliação com o cristianismo, que oferece a força mística para o império.

Igreja cristã abandona o verdadeiro pacifismo e dá ao império os soldados e por isto é elevada à religião do estado, em 391, por Teodócio.

Igreja necessita de edificações, pois os cristãos precisam reunir-se para os cultos :

- os mausoléus são modelos para os santuários
- as termas para os batistérios

- a basílica, para as igrejas. Na transformação, a basílica recebe nave transversal o que, no românico, transforma-se na planta em cruz. Onde antes ficava a tribuna do imperador, agora é o altar, a mesa do senhor.

Depois da queda do império romano, mongóis, vândalos, alanos, francos, germânicos e suecos, entre outros povos conhecidos genericamente como bárbaros, **avancaram definitivamente sobre a Europa**. Estava em curso o século V. Esses grupos, **essencialmente nômades, não demoraram a assimilar a cultura e a religião (cristianismo) dos povos conquistados**, ao mesmo tempo em que lhes transmitiam seus próprios traços culturais, o que deu origem a uma arte completamente diferente, que assentaria as bases para a arte européia dos séculos VIII e IX.

O fato de não possuírem um hábitat fixo influenciou grandemente os costumes e expressões artísticas dos bárbaros. Era notável sua destreza na fabricação de objetos facilmente transportáveis, fossem eles de luxo ou utilitários. **Todos esses povos tiveram uma origem comum na civilização celta, que desde o século V a.C. até a dominação romana se estabeleceu na Europa de norte a sul e de leste a oeste**. Uma vez dominados, boa parte da população foi assimilada pelo império romano e outra fugiu para o norte. Somente quando o império romano começou a ruir foi que conseguiram penetrar em suas fronteiras e estabelecer numerosos reinos, dos quais se originaram, em parte, as nacionalidades européias.

Toda vez que um povo culturalmente bem desenvolvido conquistava um outro que lhe era superior nesse campo, o vencedor assimilava a arte e a língua do vencido. Os bárbaros não foram exceções. **Quase completamente desprovidos de arquitetura, logo se apropriaram das formas da antiguidade tardia e de Bizâncio, às quais acrescentaram alguns elementos próprios**. Nas Gálias (França), os francos adotaram em suas construções as salas retangulares de três naves e abside semicircular, com silharia de madeira para as igrejas e cúpula para os batistérios.

Algumas plantas enriqueceram a distribuição espacial com o acréscimo de uma galeria. Os ostrogodos, na Itália, levantaram edifícios mais representativos e ricamente decorados com mosaicos, nos quais combinaram as formas bizantinas com as romanas. Na Espanha, procedeu-se a recuperação de edifícios romanos nos centros de cada cidade, aos quais se juntava uma igreja cristã, geralmente de planta em forma de cruz latina, com naves de alturas diferentes e decoradas com relevos e frisos.

Os celtas e vikings resistiram mais às formas mediterrâneas. No entanto, graças à presença dos numerosos mosteiros, a arquitetura e as artes acabaram sendo favorecidas. Misturando pedra com madeira, construíram igrejas com telhados de pedra de duas águas, ladeados por torres cilíndricas, também de pedra, que lembram seus monumentos funerários. Com respeito à arquitetura profana, os bárbaros do norte preferiram continuar construindo suas fortalezas de madeira e barro, circundadas por paredes circulares e fosso.



Monkwearmouth - Arte anglo-saxônica, Inglaterra



Igreja de São Julião dos Prados - Arte asturiana, Oviedo



Igreja de São Miguel de Lillo - Arte asturiana, Oviedo



Igreja de Saint Kevin



Igreja de Saint Mary em Castro



Igreja de São João dos Banhos de

Arte irlandesa, Glendaloughs Arte irlandesa - Dover, Inglaterra Cerrato - Arte visigótica, Palencia Em Astúria surgiu um importante foco artístico, paralelamente à invasão árabe. Lá, fundiram-se tendências da cultura dos visigodos e dos romanos, abrindo espaço para um estilo que se aproximaria muito da arte românica e que contaria com alguns dos elementos mais ocidentais (Igreja de São Julião dos Prados).

Os irlandeses, por sua vez, embora totalmente cristianizados, eram contrários à romanização. Assim, mantiveram-se fiéis a um estilo que misturava elementos nórdicos com a estética megalítica celta.

No entanto, a maior parte da população vivia na zona rural, morando em choças e cabanas que tinham origem nas aldeias celta anteriores aos romanos. Procuravam sempre a proximidade da água, chegando algumas vezes até a construir as casas em cima dela, erguidas sobre pilotis (as palafitas).



8- ARQUITETURA BIZANTINA

Havia Bizâncio, antiga colônia grega à margem do estreito de Bósforo, e havia um romano que decidiu fazer dela capital do seu império, com um nome derivado do seu nome. O imperador romano era Constantino, sucessor de Diocleciano no trono. E **Bizâncio virou Constantinopla no ano de 330**. Durante o governo de Teodósio ocorreu a divisão do império (395) em duas partes: Império do Ocidente, com sede em Roma, e Império do Oriente, com Constantinopla como capital. A parte ocidental, invadida e dominada pelos germanos, foi se desagregando pouco a pouco, à medida que os grandes proprietários e chefes locais se substituíam no Poder. **No Império Romano do Oriente floresceu a partir do século V a civilização bizantina, de elementos gregos e romanos**. O cristianismo, perseguido por Diocleciano (284 a 305), elevado à igualdade com os cultos pagãos no reino de Constantino (306 e 337) e proclamado religião oficial com Teodósio (394 a 395), dominaria em quase todas as suas realizações. Depois da cisão do cristianismo, que durou do século V ao século XI, a antiga Bizâncio tornou-se o centro principal da Igreja Ortodoxa.

Invasões bárbaras e a divisão do império fazem com que a Itália perca importância. Constantinopla (antiga Bizâncio) é a metrópole do império romano do oriente.

O modelo de templos de plantas circulares, especialmente o Panteon, foi no oriente continuado e melhorado.

Construções mais importantes :

1. São Vital em Ravena
 - influência bizantina na Itália. Esta igreja serviu de modelo à Capela Palatina, de Carlos Magno
2. Santa Sofia, em Constantinopla :
 - igreja da sabedoria divina, onde Justiniano exclamou : "Salomão, ultrapassei-te"
 - nesta igreja, procura-se que a atmosfera e a luz criem condições para se chegar ao conhecimento de Deus de uma forma mística. As características arquitetônicas tornam a religião uma vivência simbólica.

Na arquitetura bizantina, as construções revelam leveza e elegância, ao invés e volume e peso, como na antiga Roma. As cúpulas de Constantinopla, "segunda Roma", simbolizam o cosmos criaram, com o edifício de planta centrada, o modelo arquitetônico que ainda hoje é parcialmente obrigatório nas igrejas cristãs do oriente.



Igreja de Alexandre Néviski (Sofia) - estrutura bizantina típica

Tendo seu centro de difusão em Bizâncio, mais exatamente na cidade de Constantinopla, a arte bizantina se desenvolveu a partir do século IV como produto da confluência das culturas da Ásia Menor e da Síria, com elementos alexandrinos. As bases do império eram três: **a política, a economia e a religião e, para manter a unidade entre os diversos povos que conviviam em Bizâncio, Constantino oficializou o cristianismo, tendo o cuidado de enfatizar nele aspectos como rituais e imagens dos demais grupos religiosos.**

Uma vez estabelecido na Nova Roma (Constantinopla), Constantino começou a renovação arquitetônica da cidade, erigindo teatros, termas, palácios e sobretudo igrejas, já que se fazia necessário, uma vez oficializado o cristianismo, imprimir seu caráter público definitivo em edifícios abertos ao culto. As primeiras igrejas seguiram o modelo das salas da basílica (casa real) grega: uma galeria ou nártex, às vezes ladeada por torres, dava acesso à nave principal, separada por fileiras de colunas de uma ou duas naves laterais.

A arte bizantina era uma arte cristã, de caráter eminentemente cerimonial e decorativo, em que a harmonia das formas - fundamental na arte grega - foi substituída pela imponência e riqueza dos materiais e dos detalhes. Desconhecia perspectiva, volume ou profundidade do espaço e empregava em profusão as superfícies planas, onde sobressaíam melhor os ornamentos luxuosos e complicados que acompanhavam as figuras. **A religião ortodoxa, além de inspiradora, funcionava como censora** - o clero estabelecia as verdades sagradas e os padrões para representação de Cristo, da Virgem, dos Apóstolos, ou para exaltação da pessoa do imperador que, além de absoluto, com poderes ilimitados sobre todos os setores da vida social, era o representante de Deus na terra, com autoridade equiparada à dos Apóstolos. Assim, **ao artista cabia apenas a representação segundo os padrões religiosos, pouco importando a riqueza de sua imaginação ou a expressão de seus sentimentos em relação a determinada personagem ou doutrina sacra**, ou mesmo ao soberano onipotente. Essa rigidez explica o caráter convencional e certa uniformidade de estilo constantes no desenvolvimento da arte bizantina.

No momento de sua máxima expansão, o Império Bizantino englobava, na Europa, os territórios balcânicos limitados pelos rios Danúbio, Drina e Sava, e parte da península Itálica (Exarcado de Ravena); a Ásia Menor, Síria e Palestina, na Ásia; o Egito e as regiões que hoje formam a Líbia e a Tunísia, na África. Por outro lado, Constantinopla se erguia no entroncamento das rotas comerciais entre a Ásia e a Europa mediterrânea. **A população do império compreendia, pois, nacionalidades diversas, sobretudo gregos.**

A arte bizantina sofreu, assim, influências diversas, vindas do Egito, Síria, Anatólia, Pérsia, Balcãs e da própria antiguidade grega. Influências que se fundiram em Constantinopla, onde se processou a formação de um novo estilo definindo-se seus traços. **Sua história pode ser dividida em três fases principais: a idade do ouro, a iconoclastia e a segunda idade do ouro.**

A primeira fase (idade do ouro), corresponde ao reinado de Justiniano (526 a 565), quando se construiu a igreja de Santa Sofia, o maior e mais representativo dos monumentos da arte bizantina.



A igreja de Santa Sofia, construída em Constantinopla entre 532 e 537 por Isidoro de Mileto e Antêmio de Tales, ambos da Ásia Menor, pretendia resumir a riqueza e grandeza do império bizantino, além de seu caráter místico. No meio da nave central, a imensa cúpula de 31 metros de diâmetros por 54 de altura repousa sobre quatro gigantescos pilares de mármore colorido. Os outros elementos arquitetônicos, colunas, arcos, pequenas cúpulas secundárias, absides (recinto semicircular ou poligonal, em geral abobadado, em que termina o coro da igreja), praticamente desaparecem. **No tambor, a luz jorra de quarenta janelas, cujos vitrais representam os dias de Jesus no deserto, criando uma atmosfera feérica, e a ilusão de que a cúpula paira no ar, sustentada por quarenta feixes luminosos.**



As superfícies internas do tambor e sua base são revestidas de brilhantes mosaicos coloridos - forma artística muito difundida na civilização bizantina -, constituídos por pequenos cubos de mármore colorido, terracota ou esmalte, presos à parede com argamassa. Muitos desses mosaicos foram destruídos ou cobertos depois da invasão de Constantinopla pelos otomanos, em 1453, pois a representação de seres vivos era proibida pelo islamismo. Os que restaram se encontram na entrada sul do edifício e dão uma pálida idéia do seu aspecto original e da antiga decoração interior, luminosa e brilhante. Também as imagens sagradas desapareceram, substituídas por versículos do Alcorão, livro sagrado do islamismo. Ao edifício se acrescentaram minaretes (pequenas torres salientes) e Santa Sofia foi transformada em mesquita.



Vista interna

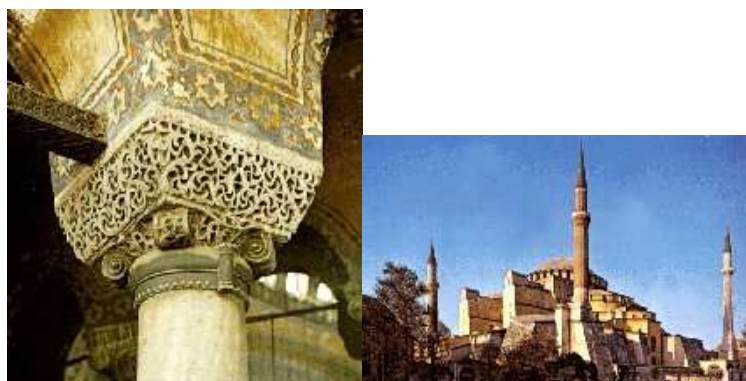


Vista interna da cúpula



Vista interna

Ainda no interior do templo há preocupação de riqueza em todos os detalhes: no altar, pedrarias em profusão e placas de ouro (Justiniano queria também o chão de ouro, mas se conformou com os mármore), móveis esculpidos em madeira e marfim com incrustações de pedras preciosas, 6 mil candelabros de ouro, 40 mil vasos e bandejas de prata, e capitéis trabalhados como renda, verdadeiras obras-primas de escultura, tal o excesso de labores, em que costumavam aparecer, estilizadas, as folhas de uma planta chamada acanto. Sua forma de pirâmide invertida também é criação bizantina, e faz com que recebam com mais segurança a descarga do peso dos arcos. O exterior do templo, entretanto, é muito simples. Tudo, nele, converge para a abóbada. Esse despojamento externo foi sendo atenuado com o tempo.



A segunda fase se caracterizou pela **iconoclastia** - movimento que começou mais ou menos em 725, com um decreto do Imperador Leão III que **proibia o uso de imagens nos templos**; e, finalmente, a terceira fase foi a segunda idade de ouro (séculos X e XIII) e nele se deu um novo apogeu das pinturas e mosaicos tão combatidos pelo movimento iconoclasta.

Inspirada e guiada pela religião, a arquitetura alcançou sua expressão mais perfeita na construção de igrejas. E foi precisamente nas edificações religiosas que se manifestaram as diversas influências absorvidas pela arte bizantina. Houve um afastamento da tradição greco-romana, sendo criadas, sob influência da arquitetura persa, novas formas de templos, diferentes dos ocidentais. **Foi nessa época que se iniciou a construção das igrejas de planta de cruz grega, coberta por cúpulas em forma de pendentes, conseguindo-se assim fechar espaços quadrados com teto de base circular.** As características predominantes seriam a cúpula (parte superior e côncava dos edifícios) e a planta de eixo central, também chamada de planta de cruz grega (quatro braços iguais). A cúpula procurava reproduzir a abóbada celeste. Esse sistema, que parece já ter sido utilizado na Jordânia em séculos anteriores e inclusive na Roma Antiga, se transformou no símbolo do poderio bizantino.



A cúpula é originária da Ásia Menor, cujos povos, que sempre se distinguiam como arquitetos, recorreram ao expediente de suspendê-la sobre uma construção quadrada ou pousaram-na diretamente em construções circulares. Os persas imaginaram outra alternativa, colocando sobre a base quadrada uma cúpula octogonal. A solução encontrada pelos persas para a colocação de cúpula sobre uma construção quadrada foi o abandono da forma circular para base e a adoção da forma octogonal, sobre a qual se erguia a cúpula, já não totalmente redonda, mas facetada em oito "triângulos" curvos.



Cúpula persa



Cúpula bizantina

Os arquitetos bizantinos mantiveram o formato arredondado não colocando o tambor (grande arco circular sobre o qual se assenta a cúpula) diretamente sobre a base quadrada: em cada um de seus lados ergueram um arco, sobre os quatro arcos colocaram um tambor e, sobre este, com simplicidade e segurança, a cúpula. Os arquitetos bizantinos conseguiram apor a uma construção quadrada uma cúpula arredondada, com o uso do sistema de pendentes, "triângulos" curvilíneos formados dos intervalos entre os arcos e que constituíam a base sobre a qual era colocado o tambor.

A planta de eixo central, ou de cruz grega (quatro braços iguais), se impôs como consequência natural da utilização da cúpula. Os pesos e forças que se distribuía por igual na cúpula exigiam elementos de sustentação também distribuídos por igual, e essa disposição ocorria menos facilmente na planta retangular ou de cruz latina, com braços desiguais.

O apogeu cultural de Bizâncio teve lugar sob o reinado de Justiniano e sua arquitetura se difundiu rapidamente pela Europa ocidental, mas adaptada à economia e possibilidades de cada cidade. Pertence a essa época um dos edifícios mais representativos da arquitetura bizantina: a Igreja de Santa Sofia. Não se deve esquecer que Santa Sofia foi construída sem a preocupação com gastos, algo que os demais governantes nem sempre podiam se permitir.

São também, entre outras, exemplos do esplendor da arquitetura bizantina, construídas por Antêmio de Tales e Isidoro de Mileto: as igrejas de São Sérgio e São Baco e a dos Santos Apóstolos, bem como a Igreja de Santa Irene



Igreja de São Sérgio e São Baco - Constantinopla



Igreja dos Santos Apóstolos Tessalonica, Grécia



Igreja de Santa Irene Istambul

9- ROMÂNICA

ROMÂNICO CAROLÍNGIO

Relativo a Carlos Magno, imperador de quase todo o ocidente, que realizou a primeira reunião de quase toda a Europa e lançou os ensinamentos da cristandade medieval.

Na seqüência das invasões bárbaras, o império romano do ocidente entrou em colapso. As regiões anteriormente sob o domínio romano foram divididas entre muitos soberanos. **O estado, a justiça e a técnica sucumbiram. O nível de vida retrocedeu.** O desenvolvimento das cidades estagnou. **Apenas o poder da igreja não se viu restringido. Tornou-se a mais importante depositária da cultura após a queda de Roma ocidental.**

Os conventos beneditinos, primeira ordem monástica (529), tiveram um papel fundamental. Os livros antigos eram aqui compilados e traduzidos, a investigação e a instrução fomentadas nos mosteiros.

Para garantirem sua base econômica, os conventos tinham terra e, desta forma, poder. Serviam de refúgio, numa sociedade onde valia a lei do mais forte. A importância política, econômica, cultural e social da igreja cresceu no séc. VIII

Pepino, rei dos francos, firma aliança com a igreja, aliança mais tarde desenvolvida por Carlos Magno. Desta forma o papa assegurou independência do imperador bizantino. Este pacto acontece no natal de 800, com a coroação de Carlos Mano como imperador, pelo papa Leão III, em Roma.

Afora as obras executadas no ou pelo império bizantino (Ravena, p. ex.), nada foi criado e grandioso, duradouro ou suntuoso na Europa. **Em concorrência com a monarquia bizantina, houve um regresso à construção monumental em pedra, com Carlos Magno. Estas construções limitam-se quase exclusivamente às igrejas e mosteiros (monastérios) na aliança entre clero e coroa.**

A disposição das várias funções no recinto do mosteiro é significativa :

- Tudo que é temporal encontrava-se no poente
- Tudo que era espiritual, estava à nascente.

O módulo era o cruzeiro, entre a nave principal e o transepto. Deste modo foram erigidos **edifícios simples, quase simétricos, com naves centrais carregadas de simbolismo, dominadas pelo grupo edificado à nascente (dedicado ao Senhor) e um parcialmente idêntico, à poente, que servia ao senhor secular.**

Secular = leigo, não divino

O poente também se destinava ao rei ou imperador. No lado oposto do altar-mor sentava-se o executor terreno do arcanjo São Miguel. O primeiro caso é a capela Platina, no reinado de Carlos Magno. Na maioria dos casos o imperador e sua corte, utilizavam as igrejas dos conventos para o culto divino, às quais era anexada uma capela à oeste.

No que se refere às edificações românicas, a relação entre modelo e reprodução não deve ser interpretada no sentido de cópia. O essencial era a forma base e o espírito da construção.

Fechada, sólida, maciça, severa – estes conceitos são válidos na generalidade.

O termo "românico" cunhado apenas no século XIX não é exato. O românico não se difundiu apenas entre os povos de origem romana, ou seja, marcadas pela cultura de Roma antiga. Na Alemanha dos finais do séc. XIX procurou-se, por motivos nacionalistas, substituir a expressão românica por "germânica".

Em grande parte o românico parece ainda uma reação contra o período de instabilidade e decadência. As igrejas e os conventos assemelham-se a fortalezas, com muros grossos e pesados. **Há realce das linhas horizontais.**

O efeito da pedra é puro, sem revestimento. A impressão provocada pelo espaço das igrejas românicas é :

- Estática
- Austera
- Um pouco desajeitada

As criptas aumentavam ainda mais a imagem de desequilíbrio. O edifício agrupado cria a imagem de "fortaleza celeste" ou "palácio divino"

APÓS CARLOS MAGNO

Morto Carlos Magno (724-814), o Sacro Império Romano divide-se entre seus três herdeiros. Pelo tratado de Verdun, firmado em 843, a região que se estende dos Alpes ao mar do Norte cabe a Lotário, a Germânia a Luis e a Francônia a Carlos.

A Europa atravessa uma fase difícil: invasões diversas assolam seu território em todas as direções. Os exércitos reais não conseguem deter os árabes, que, no século IX, atacaram Roma e Campânia (na Itália) e Marselha e Arles (na França atual). Pelo Norte atacam os normandos, apoderando-se das costas setentrionais da França, de parte da península Ibérica e da Inglaterra. No século X, incursões

húngaras atingem a Lombardia, parte da França e Roma. **Tudo contribuía para a decomposição das instituições monárquicas.**

O poder real, diminuído em sua autoridade, vai sendo substituído pelo poder dos nobres castelões: o castelo feudal era a única fortaleza que oferecia alguma resistência aos invasores, e as populações atemorizadas se organizavam em torno dele. Essa instabilidade colabora para a propagação da crença de que o mundo acabaria no ano 1000. **Os homens vivem aterrorizados com a perspectiva do juízo final pregado pela Igreja: temem o caos.** A arte reflete o apocalipse, as pinturas murais apavorantes retratam o pânico que invade a Europa ocidental.

Começou o ano 1001 e o mundo não acabou. Oto I, que reunificara a Germânia e fora coroado, pelo Papa João XII, imperador do Sacro Império Romano-Germânico (962), consegue dominar os húngaros e eslavos e expandir suas conquistas para o Norte. Ressurgem as atividades comerciais antes freadas pelas invasões, e o aumento demográfico é seguido pelo aumento de áreas cultivadas.

A Igreja fortalece seu poder temporal aumentando as extensões de terra que dominava até então: chega a possuir um terço de todo o território francês. Crescem as ordens monásticas, e a mais importante, a ordem de Cluny, fundada em 910, na Borgonha (França atual), vai estendendo sua autoridade a ponto de congregar, no início do século XII, 10 mil monges em 1.450 mosteiros espalhados por toda a Europa. A ordem cisterciense, por sua vez, conta com 530 mosteiros sob seu controle. **A Igreja é a maior instituição desta época: ela domina, secular e culturalmente, o espírito medieval.**

Nos anos que se seguiram ao ano 1000, viram-se reconstruir igrejas em quase toda a Europa cristã. Mesmo quando isso não era necessário, cada comunidade cristã concorria em emulação para edificar santuários mais suntuosos que sua vizinha. A febre de construção que invadiu a Europa reflete o espírito da época, e o estilo românico, que caracterizou as artes desde o fim do século X até meados do século XII, sintetiza em seus traços a histórica desse período.



Abadia de Murbach
Alsácia, França



Basílica da Borgonha
Borgonha, França



Catedral de Roskilde
Sjaelland, Dinamarca

O feudalismo era a nova ordem da sociedade então, enquanto o Sacro Império ia se firmando politicamente. Até esse momento, **a arquitetura não diferenciava formalmente palácios de igrejas, devido ao fato de o imperador, de alguma forma, representar tanto o poder religioso quanto o temporal.** Os beneditinos, logo após as primeiras reformas monacais, foram os primeiros a propor em suas construções as formas originais do românico. Surge assim uma arquitetura abobadada, de paredes sólidas e delicadas colunas terminadas em capitéis cúbicos, que se distancia dos rústicos castelos de pedra que davam seqüência à linha pós-romana.

A Igreja é o único edifício onde se reúne a população, e parte importante da vida social se desenrola no seu interior. As ricas ordens monásticas e os nobres poderosos procuram elevar em louvor a Deus os testemunhos de sua fé. Por isso, **o estilo românico encontrará sua expressão**

maior na arquitetura. Considerada "arte sacra", ela está voltada à construção de igrejas, monastérios, abadias e mosteiros - as "fortalezas sagradas".



Igreja Saint-Benoit-sur-Loire
Loiret, França



Igreja de Santa Maria de Ripoll
Girona



Igreja de São Martinho
Frómista, Palência

A arte românica, cuja representação típica são as basílicas de pedra com duas abses e torres redondas repletas de arcadas, estendeu-se do século XI à primeira metade do século XIII. Seu cenário foi quase toda a Europa, exceto a França, que já a partir do século XII produzia arte gótica. Apesar da barbárie e do primitivismo que reinaram durante essa época, pode-se dizer que o românico estabeleceu as bases para a cultura europeia da Idade Média.

Foi nas igrejas que o estilo românico se desenvolveu em toda a sua plenitude. Suas formas básicas são facilmente identificáveis: **a fachada é formada por um corpo cúbico central, com duas torres de vários pavimentos nas laterais, finalizadas por tetos em coifa.** Um ou dois transeptos, ladeados por suas fachadas correspondentes, cruzam a nave principal. Frisos de arcada de meio ponto estendem-se sobre a parede, dividindo a planta.

O motivo da arcada também se repete como elemento decorativo de janelas, portais e tímpanos. As colunas são finas e culminam em capitéis cúbicos lavrados com figuras de vegetais e animais. No conjunto, as formas cúbicas de muros e fachadas se combinam com as cilíndricas, de abses e colunas. Datam dessa época entre outras, as famosas catedrais de Worms, na Alemanha, St. Sernin de Toulouse, St. Trophyme em Arles, St. Madeleine de Vezelay e a Catedral de Autun, na França, Santo Ambrósio de Milão e a Catedral de Pisa.



Catedral de Pisa - Pisa, Itália

Força e solidez caracterizam as Igrejas românicas. O elemento essencial é a abóbada de pedra, tijolos e argamassa, em forma de berço, dada pelo arco de plena cincta (meia circunferência). Seu peso é **sustentado por paredes espessas e maciças, com poucas janelas, para não comprometer a estabilidade da construção.** Colunas internas e **pilastras exteriores - chamadas contrafortes - proporcionam um reforço suplementar.** Os pilares e colunas, às vezes formam espinhões - saliências na superfície interna das abóbadas. Os capitéis simples e robustos não obedecem a um estilo definido: são semi-esféricos, cúbicos, trapezoidais, conforme a fantasia do construtor.



Basílica de São Francisco
Assis, Itália



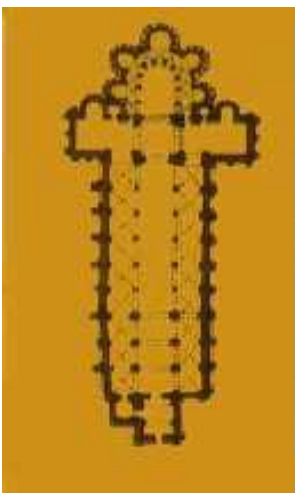
Catedral de Trani
Bari, Itália



Igreja de São Domingo
Santo Domingo

A fachada é simples. Sobre a porta central está o óculo, abertura circular para iluminação e ventilação do interior. **O resultado final é sempre um conjunto imponente de interiores sombrios. O estilo românico sintetiza a alma dos homens que o criaram. Por um lado, reflete o medo que dominava as populações da Europa ocidental; por outro, exprime o profundo sentimento religioso que marcou o período.** À medida que o tempo passava e o poderio da Igreja aumentava, as construções foram se tornando mais e mais requintadas. O luxo da Abadia e dos inúmeros mosteiros chegou a tal ponto que motivou protestos dentro da própria Igreja.

Embora o estilo românico tenha dominado a Europa ocidental, unida pela fé, sua arquitetura apresentou, entretanto, variações regionais de acordo com as influências locais diversas, que originaram várias escolas românicas. Na antiga Magna Grécia (Sul da Itália), são comuns as construções de teto plano, paredes e pisos de mosaico. Em Roma persistem as tradições cristãs primitivas, mantendo-se a planta em cruz latina. Na região de Milão, Como, Pavia, Verona, a arquitetura sofre influências dos lombardos. Na Toscana, mantêm-se as tradições greco-romanas. Em Veneza, a influência bizantina é acentuada. Na França, destaca-se a escola de Borgonha, orientada segundo as tradições da Abadia de Cluny, a de Auvergne, de influência espanhola, a de Perigeux, que utiliza a cúpula bizantina. Na Inglaterra, após a conquista de Guilherme, em 1066, a ascendência é nitidamente normanda. Na Alemanha, a influência lombarda dá origem à escola renana. E, finalmente, na Espanha setentrional misturam-se os estilos cristão e sarraceno.



O plano protótipo da igreja românica deriva da basílica latina, local amplo, anteriormente destinado ao funcionamento dos tribunais romanos. A nave principal é cortada pelo transepto, o que lhe dá a simbólica forma de cruz. As naves laterais, secundando a principal, permitiam que muitos peregrinos circulassem sem interromper as celebrações dos rituais. Nas absides, pequenas capelas semicirculares que arrematam as naves, encontravam-se as imagens sagradas, e as valiosas relíquias eram encerradas na cripta, sob o altar principal. Entre o altar principal e as absides situa-se o coro, e tem-se acesso a essas capelas por uma passagem em semicírculo, denominada deambulatório. A iluminação indireta vem através das naves secundárias, dada por pequenas aberturas laterais, janelas diminutas que não conseguem atenuar o aspecto sombrio da igreja românica.

10- ARQUITETURA ISLÂMICA

No ano de 622, o profeta Maomé se exilou (hégira) na cidade de Yatrib que, desde então, se conhece como Medina (Madinat al-Nabi, cidade do profeta). De lá, sob a orientação dos califas, sucessores do profeta, começou a rápida expansão do Islã até a Palestina, Síria, Pérsia, Índia, Ásia Menor e Norte

da África e Espanha. **De origem nômade, os muçulmanos demoraram certo tempo para estabelecer-se definitivamente e assentar as bases de uma estética própria com a qual se identificassem.**

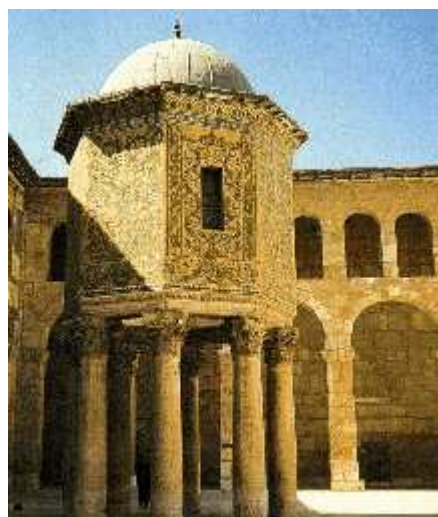
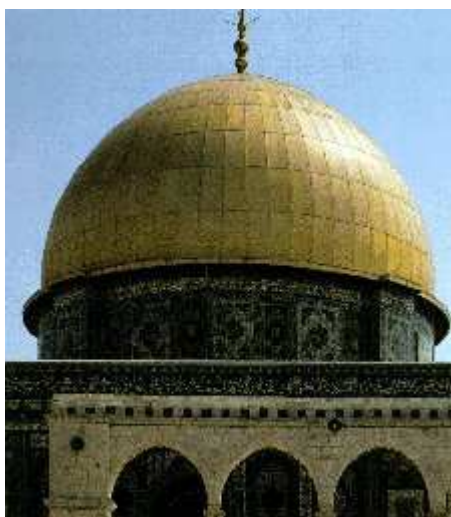
Ao fazer isso, inevitavelmente devem ter absorvido traços estilísticos dos povos conquistados, que no entanto souberam adaptar muito bem ao seu modo de pensar e sentir, transformando-os em seus próprios sinais de identidade. Foi assim que **as cúpulas bizantinas coroaram suas mesquitas, e os esplêndidos tapetes persas, combinados com os coloridos mosaicos, as decoraram. Aparentemente sensual, a arte islâmica foi na realidade, desde seu início, conceitual e religiosa**, sendo sua beleza quase mágica. O luxo e a opulência dos califados surgem como num conto das mil e uma noites, entre cúpulas floridas e minaretes inalcançáveis.



Mesquita do sultão Ahmed ou Mesquita Azul
Istambul

As mesquitas (locais de oração) foram construídas entre os séculos VI e VIII, seguindo o modelo da casa de Maomé em Medina: **uma planta quadrangular, com um pátio voltado para o sul e duas galerias com teto de palha e colunas de tronco de palmeira. A área de oração era coberta, enquanto no pátio estavam as fontes para as abluções.** A casa de Maomé era local de reuniões para oração, centro político, hospital e refúgio para os mais pobres. Essas funções foram herdadas por mesquitas e alguns edifícios públicos.

No entanto, a arquitetura sagrada não manteve a simplicidade e a rusticidade dos materiais da casa do profeta, sendo exemplo disso as obras dos primeiros califas: Basora e Kufa, no Iraque, a Cúpula da Roca, em Jerusalém, e a Grande Mesquita de Damasco. Contudo, persistiu a preocupação com a preservação de certas formas geométricas, como o quadrado e o cubo. **O geômetra era tão importante quanto o arquiteto. Na realidade, era ele quem realmente projetava o edifício, enquanto o arquiteto controlava sua realização.** Tudo era estruturado a partir da geometria, já que até a língua árabe é numérica e os edifícios e seus ornamentos eram a tradução arquitetônica das fórmulas e números de caráter místico, segundo sua doutrina.



Cúpula da Roca - arte muçulmana
Jerusalém

Mesquita moura-judia
Damasco, Síria

A cúpula ou teto de pendentes, herdado da cultura bizantina, permitiu cobrir o quadrado com um círculo, sendo um dos sistemas mais utilizados na construção de mesquitas, embora não tenha existido um modelo comum. A numerosa variação local, devido a grande extensão dessa cultura, fez que suas manifestações se adaptassem aos estilos locais mantendo a distribuição dos ambientes, mas nem sempre conservando sua forma. As mesquitas transferiram depois parte de suas funções aos edifícios públicos.

As residências dos emires constituíram uma arquitetura de segunda classe em relação às mesquitas. Seus palácios eram planejados num estilo semelhante, pensados como um microcosmo e constituíam o hábitat privativo do governante. Exemplo disso é o Alhambra, em Granada. De planta quadrangular e cercado de muralhas sólidas, o palácio tinha aspecto de fortaleza, embora se comunicasse com a mesquita por meio de pátios e jardins. O aposento mais importante era o diwan ou sala do trono.



Pátio interno de uma mansão
Arte muçulmana - Cairo, Egito



Vista do Alhambra, Granada
Arte muçulmana

Outra das **construções mais originais e representativas do Islã foi o minarete**, uma espécie de torre cilíndrica ou octogonal situada no exterior da mesquita a uma altura significativa, para que **a voz do almudem ou muezim pudesse chegar até todos os fiéis, convidando-os à oração**. Sua posição no núcleo urbano era sempre privilegiada. A Giralda, em Sevilha, é um exemplo dos minaretes da arte andaluza.



A Giralda
Sevilha



Minarete da Grande Mesquita
de Samara - Iraque



Minarete Kurubiyya
Marrekech



Minarete de Kalian
Buyara, Rússia

Outras construções representativas foram os mausoléus ou monumentos funerários, semelhantes às mesquitas na forma e destinados a santos e mártires.



Mausoléu de Barquq - Arte muçulmana
Cairo, Egito



Mausoléu de Timur ou Gur-i Mir
Samarcanda, Rússia

As obras nascidas dessa cultura são grandiosas e deixam o espectador sem palavras. **Muitos de seus edifícios estão entre os escolhidos pela Unesco como patrimônio da humanidade, desde a costa atlântica do Marrocos até os confins da China.**

No esforço para concorrer, na arquitetura, com outras religiões, leva a arte islâmica a incorporar elementos da clássica, paleocristã, persa, indiana.

Na mesquita, devido a noções religiosas, não existe um centro comparável ao altar, na cristã.

2º BIMESTRE

11- GÓTICA

GÓTICO – 1130 A 1500

É quase impossível determinar com exatidão a passagem do Românico para o Gótico. Por volta de 1800 o gótico ainda era considerado em alguns quadrantes como a essência do que era discrepante e de mau gosto.

O século X encontra a Europa em crise. O poder real, enfraquecido, foi substituído pelo feudalismo. Invasões ameaçam a França. Desprotegidos, o povo se organiza em torno dos castelos feudais, únicas - e precárias - fortalezas. A tensão popular contribui para que se espalhe a crença propagada pela Igreja de que se aproxima o juízo final: o mundo vai acabar no ano 1000. A arte românica, expressão estética do feudalismo, reflete o medo do povo. Esculturas anunciam o apocalipse, pinturas murais apavorantes retratam o pânico que invade não só a França mas toda a Europa Ocidental. Chega o ano 1000 e o mundo não acaba. Alguma coisa precisa acontecer.

Em 1005, surgem as primeira Cruzadas. O feudalismo ainda permanece, mas tudo indica que não poderá resistir por muito tempo. Novos pensadores fazem-se ouvir, propagando suas idéias. Fundam-se as primeiras Universidades. Subitamente, a literatura cresce em importância. Muitos europeus, até então confinados à vida nas aldeias, passam a ter uma visão mais ampla do mundo. Profunda mudança social está a caminho.

Presentindo a queda do feudalismo, a arte antecipa-se aos acontecimentos e cria novo estilo, que irá conviver durante certo tempo com o românico, mas atendendo às novas necessidades. Verdadeiro trabalho de futuristas da época, o **Estilo Gótico surge pela primeira vez em 1127, na arquitetura da basílica de Saint-Denis, construída na região de Ile-de-France, hoje Paris.** Saint-Denis é considerada como o edifício "fundador" do gótico.

Fins do século XII. Graças ao apoio da burguesia e da classe trabalhadora, os reis conseguem retomar sua autoridade. Enfraquecido, o poder feudal vai aos poucos desaparecendo. A população passa a ter maior influência na vida pública nacional, da qual tinha sido até então mera espectadora. **Eufóricos diante da própria importância, os habitantes de cada região sentem a necessidade de demonstrar sua emancipação. A catedral será o símbolo de sua vitória.** Aí se realizarão não apenas os atos religiosos, mas as atividades comunitárias de todo o grupo: será a casa do povo. Não mais cheia de esculturas e desenhos tenebrosos, mas alta, imponente, iluminada. Que suas torres pontiagudas tentem atingir as nuvens. Livre do medo do fim do mundo, o povo é animado por novo sopro de fé. As paredes de seus templos devem deixar entrar a luz do sol em múltiplas cores que lembrem a presença divina

Da necessidade de construir catedrais que correspondessem à euforia e ao misticismo do povo, surgiu a arquitetura gótica. As primeiras foram construídas na França, ao redor de onde se encontra hoje a cidade de Paris; **foi essa uma das primeiras regiões a eliminar o feudalismo.**

Com as construções das catedrais, começaram a ser definidos os princípios fundamentais desse estilo. **O gótico teve início na França, por ser o novo centro de poder depois da queda do Sacro Império, em meados do século XII,** e terminou aproximadamente no século XIV, embora em alguns países do resto da Europa, como a Alemanha, se entendesse até bem depois de iniciado o século XV.

O gótico era uma arte imbuída da volta do refinamento e da civilização na Europa e o fim do bárbaro obscurantismo medieval. **A palavra gótico, que faz referência aos godos ou povos bárbaros do norte, foi escolhida pelos italianos do renascimento para descrever essas desconhecidas construções que, na sua opinião, escapavam aos critérios bem proporcionados da arquitetura.**

Foi nas universidades, sob o severo postulado da escolástica - Deus Como Unidade Suprema e Matemática -, que se estabeleceram as bases dessa arte eminentemente teológica. A verticalidade das formas, a pureza das linhas e o recato da ornamentação na arquitetura foram transportados também para a pintura e a escultura. O gótico implicava uma renovação das formas e técnicas de toda a arte com o objetivo de expressar a harmonia divina.

No forte simbolismo teológico, fruto do mais puro pensamento escolástico, **as paredes eram a base espiritual da Igreja, os pilares representavam os santos, e os arcos e os nervos eram o caminho para Deus.** Além disso, nos vitrais pintados e decorados se ensinava ao povo, por meio da mágica luminosidade de suas cores, as histórias e relatos contidos nas Sagradas Escrituras.

A catedral é o local das coroações e sepulturas de reis, mas também **representa o ideário de toda a sociedade, a expressão da visão política e teológica de todos os burgueses, pois têm a convicção de construir, em comum, um símbolo de sua crença, de sua cidade e de sua própria identidade.** Na catedral o burguês é orgulhosamente exibido na rica decoração: com retratos dos fundadores e inscrições.

Os espaços góticos já não poderiam ser fechados com as abóbadas cruzadas de aresta. As abóbadas de ogivas (góticas), constituíram a alternativa.

As nervuras foram usadas pela primeira vez com a função de suporte em Saint-Denis. Foram construídas em primeiro lugar e depois, fechadas as paredes e as abóbadas.

Assim, todo o edifício se tornou mais leve. Os pilares passaram a ser fasciculados com colunelos, recebendo a pressão da abóbada e descarregando-a para o chão.

O abade Suger, arquiteto de Sait Deni tinha pensado mística e simbolicamente em cada pormenor : colunas representando os apóstolos e os profetas e Jesus, a chave que une uma parede à outra. O fascinante é que esta crença provocou uma revolução na arquitetura.

As abóbadas de cruzaria de ogivas e os arcobotantes permitiram uma redução nas massas das paredes. As paredes exteriores passam a ser cobertas com janelões. Como há dificuldades na produção de vidro, estes são em pequenos pedaços suportados por molduras de chumbo. São cores fortes e solenes que brilham mais quanto menos o espaço interior for iluminado. A luz, ao passar pelas imagens sagradas, manifesta sua origem divina.

As janelas serviam para transmitir visualmente a mensagem bíblica aos que não sabiam ler, ou que não tinham posses para comprar bíblias. Sainte Chapelle em Paris é onde este conceito se encontra concretizado de modo exemplar, com o altar iluminado de luz colocado no centro visual.

Os reis franceses utilizavam a igreja como manifestação política de si próprios. A igreja começou a preocupar-se cada vez mais com os interesses temporais.

As catedrais desta época exprimem, de modo penetrante, esta consciência contraditória : nos "arranha céus de Deus" (Le Corbusier) há novas técnicas aliadas aos novos conceitos religiosos.

A partir do final do séc XII foram fundadas novas cidades. Os reis cristãos consideravam ser sua obrigação fundar novas cidades para, deste modo, conduzir as pessoas até Deus.

Paris era talvez, com seus 200.000 habitantes, juntamente com Milão, a cidade mais populosa da baixa idade média.

A obra que se tornou mais importante foi a catedral edificada no meio da cidade. Era uma obra erigida pelo esforço comum dos habitantes, que contribuíam com o dinheiro, ou com a própria força de trabalho. Eram formadas lojas.

Nobreza, clero e massa popular competiam em generosidade mística. O objetivo era um só: colaborar para a construção das dispendiosas catedrais. Com a autoridade monárquica cada vez mais assegurada, as antigas zonas feudais foram-se transformando e surgiram as primeiras cidades: Noyon, Laon, Sens, Amiens, Reims, Beauvais, onde se encontram as catedrais góticas mais belas do mundo.

Nas catedrais, as vistas laterais e da abside eram obstruídas. Assim, só era dada importância especial à fachada voltada à poente, com a entrada principal, realçada geralmente pelas únicas torres do edifício. Estas eram coroadas com pequenas torres (pináculos), novas flechas que almejavam o céu.

O repertório da escultura em pedra do gótico é uma descrição factual do divino, especialmente nos pórticos reais : em Chartres, os reis e as rainhas de França, estão vestidos com roupagens bíblicas.

LE SAINTE-CHAPELLE

Luiz IX a edificou para as relíquias adquiridas de Bizâncio (coroa de espinhos e fragmentos da cruz). Os 12 apóstolos estão representados por esculturas nos pilares. Esta capela era a capela do palácio real.

REIMS

A catedral de Reims, na qual se realizava a coroação dos reis franceses, é famosa sobretudo pela rosácea, que domina a sua fachada poente.

NOTRE DAME

Provavelmente foi lá que se utilizou pela 1. vez o sistema de contrafortes abertos = arcos botantes. Foi destruída na revolução francesa e restaurada no séc XIX

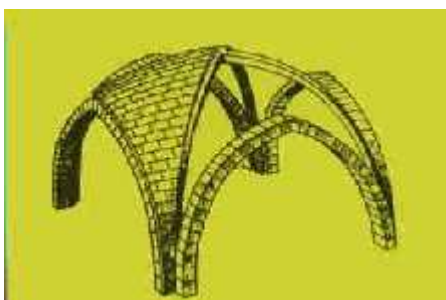
CHARTRES

O chamado pórtico real da catedral constitui o ponto alto da escultura do gótico clássico francês.



Chartres, uma das primeiras catedrais góticas da França

A construção gótica, de modo geral, se diferenciou pela elevação e desmaterialização das paredes, assim como pela especial distribuição da luz no espaço. Tudo isso foi possível graças a duas das inovações arquitetônicas mais importantes desse período: o arco em ponta, responsável pela elevação vertical do edifício, e a abóbada cruzada, que veio permitir a cobertura de espaços quadrados, curvos ou irregulares.



Divisão da abóbada gótica. Os arcos

Os arcos de meia circunferência usados nas abóbadas das igrejas românicas faziam com que todo o peso da construção fosse descarregado sobre as paredes. Isso obrigava a um apoio lateral resistente: pilares maciços, paredes mais espessas, poucas aberturas para fora. O espaço para as janelas era bem reduzido e o interior da igreja escurecia. O espírito do povo pedia luz e grandiosidade. Então como conseguí-las?

O arco em meia circunferência foi substituído por arcos ogivais ou arcos cruzados. Isso dividiu o peso da abóbada central,

ogivais (arcos cruzados em diagonal) fazendo com que ele se descarregasse sobre vários pontos, distribuem o peso da abóbada, simultaneamente, podendo ser usado material mais leve, tanto tornando-a com isso mais leve para a abóbada como para as bases de sustentação. Em lugar dos sólidos pilares, esbeltas colunetas passaram a receber o peso da abóbada.

O restante do peso foi distribuído por pilares externos. Estes, por sua vez, remetem o peso aos contrafortes - torres pontiagudas e muito trabalhadas, que substituem as maciças pilastras românicas, com a mesma função. As torres dão mais altura e majestade à catedral. As paredes, perdendo sua importância como base de sustentação, passam a ser feitas com um dos materiais mais frágeis de que se dispunha: o vidro. Surge a desejada luminosidade. Grandes e feéricos vitrais coloridos ilustram em desenhos cenas da vida cristã. A magia dos vitrais góticos, que filtram a luz do sol, enche a igreja de uma claridade mística que lembra a presença divina.

O sistema de suportes constituídos de pilares cantonados e fasciculados, pequenas colunas cilíndricas e nervos, junto com os arcobotantes, tornou a parede mais leve, até seu quase total desaparecimento. As janelas ogivais e as rosetas acentuaram ainda mais a transparência da construção. A intenção era criar no visitante a impressão de um espaço que se alçava infinitamente até o céu.

Livros de Pedra

Os templos católicos de estilo gótico construídos na Idade Média revelam toda a magia dos ocultistas e sociedades secretas da época

Os sinais cabalísticos estão por toda a parte: nas altas colunas de mármore, nos capitéis, nos arcos, nos altares. Eles contam a história da construção das catedrais góticas — símbolos da religiosidade católica mas também dos mais profundos mistérios da magia que imperava na Idade Média.

Estão ali rastros dos druidas (sacerdotes celtas que reverenciavam as florestas como divindades), visíveis na arquitetura que lembra um bosque petrificado. Estão também nas rosáceas - um dos mais importantes símbolos da ordem dos cavaleiros templários e dos maçons – desenhadas nos vitrais. Estão ali ainda os signos do zodíaco - prova de que a astrologia era admitida pelos papas da igreja da época.

Enfim, Notre Dame, Chartres, Amien, Colônia e Duomo de Milão podem ser vistas como gigantescos livros de pedra, cuja leitura exige não só uma boa dose de conhecimento esotérico mas a capacidade de ver além da realidade.

Até a adoção do estilo gótico — que surgiu no início do milênio, no norte da França, e rapidamente se espalhou pela Itália, Alemanha, Inglaterra, Espanha e Áustria — os templos católicos eram erguidos segundo os princípios românicos: escuros como cavernas. Todo o seu peso se apoiava em suas largas paredes. Já as catedrais góticas são claras, exuberantes e sua sustentação está nas abóbadas. O gótico representa a verticalização da fé e convida a uma união com a divindade. Seus elementos seriam o fogo e o ar, que evocam a purificação iniciática e a elevação espiritual. Eles estão expressos em vitrais, torres e nas rosáceas vermelhas, cujas formas lembram labaredas.

Rosáceas- A intenção dos arquitetos ao pintar as rosáceas era fazer com que a luminosidade criasse a sensação de um fogo iniciático, durante as vésperas e na hora mariana (horários canônicos correspondentes a 6 e 18 horas). Consideradas pantáculos (espécies de talismã) do cristianismo, as rosáceas são a principal fonte de entrada de luz no interior das catedrais góticas . Geralmente , há duas delas nas laterais e uma sobre a entrada principal — para os ocultistas, esta última rosácea é a fronteira entre o sagrado e o profano.

Na verdade, as rosáceas funcionam como um mapa das tradições que são transmitidas há séculos aos iniciados. "Uma das chaves para sua interpretação são as suas cores, as mesmas do arco-íris — um símbolo da aliança de Deus com o homem, no fim do dilúvio", diz o pesquisador Leo Reisler.

Também os alquimistas dão grande importância a esse elemento da arquitetura gótica. Até o final da Idade Média, a rosácea central era chamada de **A Roda**, que na alquimia significa o tempo necessário para o fogo agir sobre a matéria, transmutando-a. Essa visão é reforçada pelo esquema de incidência de luz sobre elas. A rosácea da lateral esquerda, por exemplo, nunca é iluminada pelo sol. É a cor

negra, a matéria em seu estado bruto, a morte. Já a da direita, irradia, ao sol do meio-dia, uma luminosidade branca — a cor das vestes do iniciado que acaba de abandonar as trevas. Finalmente, a rosácea central, ao receber a luz do pôr-do-sol, parece incendiar-se, e banha o templo com um tom rubro, sinônimo da perfeição absoluta, da predominância do espírito sobre a matéria.

Localização - De acordo com mapeamento feito pelo pensador católico Bernard Clairveaux, fundador da Ordem Cisterciense, de monges beneditinos, as catedrais góticas ficam próximas de antigos menires (pedras sagradas), consideradas como centros de energia do mundo. Também a estrutura das catedrais góticas não parecem resultado de simples cálculos arquitetônicos. De acordo com Fulcanelli, o grande alquimista que nos anos vinte escreveu O Mistério das Catedrais, o plano dessas igrejas tem a forma de uma cruz latina estendida no solo.

Na alquimia, essa cruz é símbolo do crisol, ou seja, do ponto em que a matéria perde suas características iniciais para se transmutar em outra completamente diferente. Nesse caso, a igreja teria então o objetivo iniciático de fazer com que o homem comum, ao penetrar em seus mistérios, renascesse para uma nova forma de existência, mais espiritualizada. Ainda segundo Fulcanelli, essa intenção é reforçada pelo fato de a entrada desses templos estar sempre voltada para o Ocidente.

Caminhamento - Assim, ao se caminhar na direção do santuário, volta-se obrigatoriamente para o Oriente, o lugar onde nasce o sol, ou seja, sai-se das trevas e ruma-se para a Luz, em direção ao berço das grandes tradições espirituais. Esse convite à iniciação está presente até mesmo no piso, em que costuma haver a representação de um labirinto. Chamados de Labirintos de Salomão (rei bíblico, símbolo da sabedoria) eles costumam se localizar num ponto em que a nave (o espaço que vai da entrada do templo ao santuário) e os transeptos (os braços da cruz) se unem. Seu sentido alquímico é o mesmo do mito grego de Teseu, o herói que entra num labirinto a fim de combater o Minotauro. Após vencer o monstro - metade homem, metade touro - consegue voltar, graças ao fio que sua esposa Ariadne (aranha) lhe dera.

Filosoficamente, os labirintos são os caminhos que o homem percorre em sua vida: cedo ou tarde ele entrará em contato com seu monstro interior, isto é, seus defeitos de caráter. Quem consegue combater e vencer as próprias imperfeições (o Minotauro) e possuem o fio de Ariadne (símbolo do conhecimento iniciático) conseguem efetivamente ver a verdadeira Luz. Em Amiens, norte da França, essa alegoria torna-se clara, graças à existência de uma grande lage na qual se esculpiu um sol em ouro bem no centro do labirinto. Já em Chartres, havia antigamente uma pintura que mostrava todo o mito de Teseu.

Autoria - Talvez o mais intrigante de todos os mistérios que envolvem a construção das catedrais é que nenhuma delas possui um autor, alguém que assine o projeto. Até hoje, o único tipo de identificação encontrado são marcas gravadas nas pedras. Essas marcas representam geralmente instrumentos de trabalho estilizados, como martelos e compassos, e era um tipo de registro profissional, que o mestre-de-obras usava para controlar o trabalho de cada um de seus obreiros.

Todo artesão possuía uma marca própria, que passava de pai para filho, de mestre para discípulo. Em função de guerras, pestes e outros flagelos, muitas vezes as obras das igrejas ficavam temporariamente interrompidas, e os trabalhadores viajavam, oferecendo seus serviços em outras cidades e países. Ganharam, assim, o nome de franc-maçons, ou pedreiros livres, cuja associações acabaram resultando na Maçonaria. Mas esta, embora detenha antigos conhecimentos esotéricos, se consolidou como ordem iniciática apenas em 1792.

Busca - Se a busca dos idealizadores do gótico ainda permanece um enigma, o estudo da origem da expressão 'arte gótica' apenas reforça a idéia de que sua inspiração é totalmente mística. Estudos etimológicos remetem às palavras gregas *goés-goéts*, de bruxo, bruxaria, que sugere a idéia de uma arte mágica. O alquimista Fulcanelli prefere associar 'arte gótica' a argot, que significa idioma particular, oculto, uma espécie de cabala falada, cujo os praticantes seriam os argotiers (argóticos), descendentes dos argonautas. No mito grego de Jasão, eles dirigiam o navio Argos, viajando em busca do Tosão de Ouro. Jasão teria sido um grande mestre, que iniciava seus discípulos nos mistérios egípcios, inclusive na geometria sagrada, que é uma das chaves da arquitetura gótica. Prova dessa herança egípcia está no fato de os construtores góticos disporem os símbolos que

aparecem nos entalhes, nas estátuas, nos medalhões e vitrais de maneira que obedecem sempre a uma seqüência que torna inevitável a associação de uns com os outros. Trata-se de um recurso egípcio de memorização que permite a apreensão de um grande número de informações, pois somos, sem perceber, levados a relacionar cada coisa ao local onde ela se encontra. Talvez seja esse o motivo pelo qual muitas vezes o zodíaco está representado dentro das catedrais fora de sua ordem convencional. Longe de ser aleatório, esse desmembramento está relacionado ao sentido mais esotérico de cada signo, como se vê a seguir:

Áries Geralmente sua figura é a de um carneiro, que simboliza o início do caminho na busca da elevação espiritual.

Touro Representado pelo próprio Touro, às vezes está associado ao evangelista Lucas; às vezes a Cristo. Simboliza a vida na matéria.

Gêmeos Sua representação usual é de duas figuras humanas abraçadas, que expressam a capacidade de elevar espiritualmente o próximo por meio da transmissão de conhecimentos. Em Chartres, este signo aparece junto a uma das portas e mostra dois cavaleiros atrás de um grande escudo.

Câncer Na forma de um caranguejo ou de um lagostim, costuma estar próximo da pia batismal, junto da imagem do arcanjo Gabriel. Com certeza, trata-se de uma influência da Cabala, que associa a Lua, regente de Câncer, a Gabriel, o emissário do nascimentos. A intenção é mostrar que, por meio do batismo (ritual iniciático), o homem pode se religar às esferas espirituais das quais se origina.

Leão Com a mesma representação de hoje, é emblema do evangelista Marcos, a quem emprestaria seus atributos de persistência e força de vontade na busca da espiritualização.

Virgem Algumas vezes aparece como uma jovem segurando uma espiga de milho. Mas pode também estar representado por uma estátua da própria Virgem Maria, com uma estrela na cabeça. É um dos signos mais ricos de significados nas igrejas góticas, uma vez que a maioria delas foi dedicada justamente à mãe de Cristo. Em Amiens, por exemplo, ela se encontra em duas árvores. Na iconografia cristã, uma delas representaria a árvore pela qual a humanidade caiu - numa referência ao mito de Eva e da serpente tentadora enroscada numa árvore - , enquanto a outra remete à cruz de Cristo, pela qual a humanidade foi redimida.

Libra Quase sempre aparece como uma mulher segurando uma balança desproporcionalmente grande, no interior da qual há uma pessoa envolta num halo de luz. Seria um lembrete para o homem de que ele também faz parte do divino.

Escorpião Sua imagem pode ser traduzida por uma águia (símbolo de elevação espiritual) e representa o evangelista João. Ou, então, aparece como um escorpião mesmo, já com um sentido de regressão espiritual. Só que, como não havia escorpiões na Europa, muitas das suas representações têm pouquíssimo a ver com a realidade. Em ambas as formas, o signo está localizado aonde a luz do sol chega por último.

Sagitário Este signo costuma ser representado por um centauro prestes a disparar a sua flecha. Na catedral de Amiens, porém, ele aparece na forma de um sátiro. Mas ambos traduzem a luta que o homem precisa travar para vencer sua natureza material, a fim de ascender a planos mais elevados.

Capricórnio Meio cabra, meio peixe, este signo indica as posições que o homem tem de enfrentarem busca de espiritualização.

Aquário Representado por um homem segurando um livro ou um pergaminho, foi adotado como emblema do próprio cristianismo e do evangelho de Mateus. Esotericamente, seria o ar cósmico, que permeia todas as formas de vida.

Peixes Rico em significados esotéricos, aparece normalmente como dois peixes unidos por um cordão, nadando em direção opostas. O cordão seria o fio de prata que une o espírito e a alma durante a vida, mas que se rompe na morte. Um dos peixes corresponde, portanto, ao espírito, que permanece acima do plano físico, enquanto o outro, a alma, seria um intermediário direto com a matéria. Uma curiosidade do cristianismo medieval é que, com exceção do peixe, a maioria dos outros animais eram considerados funestos, embora fosse comum encontrá-los nas catedrais góticas. Dessa fauna maldita faziam parte o dragão e o grifo, figura mitológica meio leão, meio pássaro (invólucros do demônio), o cavalo (usado pelas forças das trevas), o bode (luxúria), a loba (avareza), o tigre (arrogância), o escorpião (traição), o leão (violência), o corvo (malícia), a raposa (heresia), a aranha (o diabo), os sapos (pecados) e até a avestruz (impureza).

Baphomet - A figura mais temida da fauna que povoava o imaginário medieval era o Bafomé, que aparece com destaque na porta de todas as igrejas góticas. Metade homem, metade bode, por muito tempo foi confundido com o demônio cristão. Mas seu sentido é bem outro, como explica o teólogo Victor Franco: "O Bafomé é um símbolo templário que expressa a necessidade humana de

transcender seus instintos básicos, a fim de ascender espiritualmente e cumprir seu papel evolutivo. Ser parte de Deus, até se confundir com Ele, é o sentido da verdadeira humanização. E este era o ensinamento maior dos idealizadores do gótico, que criaram uma arquitetura viva. As catedrais estão tão perfeitamente integradas ao cosmo e são praticamente forças da natureza".

Chartres - Teve sua construção iniciada em 1194, num local onde havia, nos tempos pagãos, uma gruta com a estátua de uma Virgem Negra, esculpida em madeira pelos druidas e venerada por milhares de peregrinos franceses. Desde dos primórdios do cristianismo, a gruta fora substituída por templos católicos. Mas a catedral com suas 178 janelas, 2500 metros quadrados de vitrais e 700 estátuas e estatuetas no Portal Real só ficou pronta em 1260, sob o reinado de Filipe Augusto. Toda a cidade participou dos trabalhos, e era hábito os pescadores assumirem o lugar dos cavalos entre as cangas dos carros que transportavam material. Um sacrifício e tanto, pois a pedreira mais próxima ficava a meio dia de viagem. E, diariamente, antes do expediente, todos comungavam, para não contaminar a obra.

Duomo de Milão - Com a pedra fundamental lançada em 1386, inaugurada várias vezes e ainda incompleta, é uma espécie de tapete de Penélope dos milaneses. A iniciativa da construção partiu do duque Gian Galeazzo Visconti, que a ofereceu como ex-voto à Virgem, em troca de um herdeiro. Mas toda a cidade contribuiu, até mesmo as prostitutas, que ofereceram uma noite de trabalho. Com 11 mil metros quadrados de área, 145 agulhas de 180 metros de altura, 3159 estátuas e 96 gigantes esculpidos, é um monumento que ainda consome milhões de liras em sua finalização. E para o qual até mesmo os sucessivos invasores de Milão (beleguins, croatas, alemães, espanhóis e franceses) contribuíram. Napoleão, por exemplo, construiu a fachada, e a imperatriz austríaca Maria Teresa doou um Cravo da Cruz de Cristo como relíquia.

Colônia - A construção começou em 1248 e só foi finalizada em 1880, por Frederico Guilherme IV, que conseguiu recuperar o projeto original. Concebida para abrigar os restos mortais dos três Reis Magos, saqueados da Lombardia por Barba-Roxa e guardados num sarcófago de ouro e prata com 300 quilos de peso, a igreja ostenta quase 7 mil metros de fachada e é um dos maiores templos do mundo. Suas janelas têm 17 metros de altura, e as torres, que alcançam 150 metros, abrigam sinos grandiosos com mais de trinta toneladas de bronze. O curioso é que metade desse bronze foi obtida com a fundição de canhões requisitados de inimigos vencidos. Durante a Segunda Grande Guerra, quando a cidade foi praticamente destruída, a situação se inverteu e os sinos é que foram fundidos, para se transformar de novo em armamentos.

Notre Dame - Iniciada em 1163 e concluída em 1330, já abrigou sob seus arcos coroações e mendigos. Também resistiu a devastações entre os séculos 18 e 19, quando teve suas pinturas e estátuas, vitrais e portas, tirados e substituídos por ornamentos barrocos. Na Revolução Francesa, transformaram-na em depósito de suprimentos e uma das torres foi derrubada simbolicamente, decapitada como os membros do clero. Mais tarde, vendida ao conde de Saint-Simon, quase foi demolida. Durante a Comuna de Paris, tentou-se incendiá-la. Sobreviveu a tudo e resiste, cercada por lendas, como a do ferreiro Biscornet. Dizem que, encarregado de fazer suas fechaduras e assustado com a tarefa, Biscornet teria pedido ajuda ao Diabo, que, aliás, deve ter aceitado o pacto, pois as fechaduras são mesmo obras de arte.

Amiens - Construída em 1221, é uma das obras-primas do gótico na França. Um verdadeiro feito, pois em apenas três séculos os franceses ergueram nada menos que 80 catedrais e 500 grandes igrejas neste estilo, sem falar nos milhares de templos paroquiais. Era uma verdadeira corrida arquitetônica, na qual Amiens saiu vencedora, superando até mesmo Chartres e Notre Dame. Sua abóbada atinge a altura de quase 43 metros e cria uma sensação de suntuosidade inigualável. Claro que a realização desse feito exigiu o empenho de toda a comunidade, e, sempre que os fundos escasseavam, os monges e cônegos locais ofereciam indulgências àqueles que colaborassem com a construção. Exortavam, particularmente, os penitentes e moribundos, lembrando-os de que já estavam "mais próximos do paraíso" do que no dia anterior.

ARQUITETURA GÓTICA

Em arquitetura o estilo gótico é caracterizado pelo arco de ogiva. Este estilo apareceu na França nos fins do século XII e expandiu-se pela Europa Ocidental, mantendo-se até a Renascença, ou seja, até

o século XIV, na Itália, e até o século XVI ao norte dos Alpes. Moore definiu a arquitetura gótica como um "sistema de abóbadas, cuja estabilidade era assegurada por um equilíbrio perfeito de forças". Esta interessante definição é infelizmente incompleta, pois nem sequer cita os arcos de ogiva. Mas a verdade é que, se este elemento é fundamental no estilo gótico, aparece também noutros estilos, assim como o arco de volta inteira surge igualmente nos edifícios góticos. Durante o período românico, o arco de ogiva aparece principalmente nos lugares onde existe forte influência sarracena. Os arquitetos da catedral românica de Monreale, utilizaram-no freqüentemente. O românico espanhol, e mesmo o provençal, empregaram o arco de ogiva. Por outro lado, num edifício tão gótico quanto a catedral de Chartres, as janelas da clarabóia da nave são de volta inteira, salvo nas suas subdivisões, assim como os arcos diagonais da Notre-Dame de Paris. O arco de ogiva não é pois, tão característico do gótico como geralmente se pensa.

A definição de Moore não menciona as paredes, mas somente os três elementos principais da construção. No gótico francês, uma vez chegado o seu máximo esplendor, a parede deixou de ser com efeito, elemento da estrutura. O edifício é uma gaiola de vidro e de pedra com as janelas que vão de um pilar a outro. Se a parede existe ainda, por exemplo, sob as janelas das naves laterais, é somente como defesa contra as intempéries. Tudo se passa como se as paredes românicas tivessem sido cortadas em secções e cada secção houvesse girado sobre si própria num ângulo reto para o exterior, de modo a formar contra-fortes.

No seu início o gótico francês baseava-se nos elementos estruturais definidos por Moore, porém essa definição só se aplicaria à elaboração do gótico francês não abrangendo a arquitetura gótica de outros países ou as fases posteriores deste estilo na França.

A ABÓBADA:

Dentre os elementos da arquitetura gótica este seria o mais importante. Os arquitetos góticos introduziram duas inovações fundamentais na construção de abóbadas. Em primeiro lugar para os arcos dobrados e os arcos dianteiros terem a mesma dimensão que os arcos cruzeiros, adotaram o arco de ogiva. O cruzamento das ogivas permite obter abóbadas com arcos da mesma altura. Numa abóbada que cubra um espaço retangular, a ogiva dos arcos formeiros tem de ser muito pronunciada. Por outro lado, os construtores góticos tentaram concentrar a pressão das abóbadas ao longo de uma linha única, em frente de cada pilar, no exterior do edifício. Os arcos góticos alteiam os arcos formeiros: em vez de os iniciar ao mesmo nível que os arcos diagonais, inserem um colunelo que permite colocar o nascimento dos arcos formeiros em nível superior ao dos outros. as janelas da clarabóia podem, assim, tornar-se mais importantes e deixa de ser necessário acentuar a ogiva do arco formeiro para obter uma abóbada de flechas iguais. Finalmente, a zona coberta pela abóbada na parede exterior reduz-se a uma linha em vez de se limitar a um triângulo. A nave da Catedral de Amiens oferece um exemplo claro deste sistema.

SUPORTE:

Uma vez que a arquitetura gótica se desenvolveu à partir da românica, podemos encontrar um colunelo para cada nervura da abóbada, o que efetivamente acontece sobre os capitéis da arcada da nave. Como as proporções do edifício se tornaram mais leves, os fustes são mais esguios do que na arte românica e sublinham o movimento ascendente do conjunto. Quanto ao pilar propriamente dito, o caso é diferente. O pilar composto românico, por mais lógico que seja, é relativamente espesso; define o espaço da nave central e separa-a das laterais. As diferentes partes da igreja são desde então concebidas como unidade separadas. O gótico parece primeiramente retroceder. O pilar composto é substituído por uma coluna lisa e redonda cuja massa, menos volumosa, facilita a passagem entre a nave central e as laterais, criando um espaço único. Para que se torne possível utilizar colunas lisas, os suportes aparentes dos arcos da abóbada devem terminar ao nível dos capitéis, o que embora arquitetonicamente possível é pouco estético. Com efeito, as verticais rígidas dos colunelos parecem interromper-se bruscamente demais.

Entretanto o desejo de se construir catedrais cada vez mais altas leva a um grande aprimoramento técnico e os fortíssimos pilares de Chartres por exemplo nos elegantes fustes de Amiens, testemunho de uma experiência mais avançada em termos de arquitetura.

A habilidade técnica em constante progresso dos construtores dos séculos XIV e XV permitir-lhes-á recorrer de novo ao pilar composto, cujos elementos serão tão finos e tão delicados que ele parece desafiar as leis da gravidade.

CONTRAFORTE:

É o terceiro e último elemento estrutural do gótico As paredes góticas ao contrário das românicas são finas, ou inexistentes sendo o contraforte tipicamente gótico composto de duas partes:

A primeira o contraforte propriamente dito inspira-se no contraforte românico e está colocado em ângulo reto em relação a igreja, contra a parede lateral, e, no mais alto grau de perfeição, eleva-se bastante alto. O peso deste elemento neutraliza a pressão das abóbadas.

O segundo elemento, ou arcobotante, é especificamente gótico. O arcobotante tem uma caixilharia diagonal de pedra; está escorado de um lado pelo contraforte, colocado a certa distância da parede, e por outro lado pela clarabóia da nave. O arcobotante dirige a pressão da abóbada para o exterior por cima da cobertura da nave central. Como é cimbrado por baixo, exerce um pouco de pressão sobre o vão; sozinho não poderia resistir à pressão lateral das abóbadas, mas associado aos contrafortes, tem uma força enorme. Foi graças a esse elemento que o gótico ousou construir naves tão altas e tão claras. A catedral gótica, eleva-se para o céu como uma oração e tal como a filosofia medieval, exprime o intangível e transcende o homem na sua procura do além.

ARQUITETURA CIVIL:

No início da Idade Média a arquitetura civil refletia as condições incertas da época. Enquanto os camponeses viviam em cabanas de adobe ou pau-a-pique, ou mais raramente materiais sólidos, a nobreza européia vivia em castelos sem dúvida imponentes, mas incômodos e desconfortáveis. O fosso constitui a primeira linha de defesa. Os muros sólidos são enquadrados por torres colocadas nos ângulos e de ambos os lados da entrada e coroados por ameias cuja função é proteger e os arqueiros. Possuem também o menor número de aberturas possíveis e mesmo estas são muito pequenas.

Embora o castelo se erga em volta de um pátio aberto, os blocos habitacionais são mais bem iluminados do que se possa imaginar pelo seu aspecto exterior. Face a entrada principal encontra-se uma grande sala que tem do lado as cozinhas e mais dependências e do outros os apartamentos privados dos castelões. A grande sala é, em todo o sentido do termo, o centro vital do castelo: é aí que o senhor recebe seus vassallos, que as refeições são tomadas em comum e que se desenvolve a maior parte das atividades da vida cotidiana. Primitivamente, esta sala servia também de dormitório para os serviçais, mas este costume já havia desaparecido no século XIV. O vidro embora já conhecido era muito caro, as vidraças eram portanto raras. Por isso era preciso escolher entre duas soluções: dispor de uma claridade suficiente e permitir que os ventos frios do inverno entrassem nas divisões, ou fechar os taipais, sofrer menos com o frio e servir-se de pouca ou nenhuma luz natural. Por outro lado as instalações sanitárias desembocavam nos fossos, de modo tal que estes não deviam ser tão românticos como nos nossos dias.

Entretanto as condições de vida e a segurança melhoram com o tempo. Com a posterior popularização do vidro as vidraças se tornam mais comuns, resolvendo o problema da iluminação e aquecimento. Passa-se a ter uma maior preocupação com o conforto e a família e os servos passam a ter quartos de dormir mais amplos e confortáveis. Cada divisão importante é aquecida por fogões e as janelas envidraçadas ajudam a manter a temperatura e garantem uma boa luminosidade.

O GÓTICO DA INGLATERRA - A CONTINUAÇÃO DAS TRADIÇÕES NORMANDAS

O fato do estilo da Ile de France se ter tornado conhecido fora do território **francês deve-se aos mestres pedreiros itinerantes, trazendo, assim, o gótico para a Inglaterra.** Este acabou por se desenvolver numa verdadeira rivalidade com o gótico das catedrais francesas. Em Inglaterra as grandes igrejas eram erigidas fora das cidades.

Como característica há a expansão desmesurada do comprimento e da largura, e o arremate plano da cabeceira, à qual era adossada a Lady Chapel. O papel central do cruzeiro também era visível do exterior.

Esta evolução acaba de desembocar, de modo conseqüente em meados do séc XIV, no perpendicular style. Esta arquitetura manteve-se determinante por muitos séculos na Inglaterra, vindo a ter influencia sobre o gótico tardio em França com o seu estilo flamejante.

O GÓTICO NA ALEMANHA - O DESENVOLVIMENTO DA IGREJA-SALÃO

Na Alemanha, onde o românico tinha encontrado o seu desenvolvimento máximo, o gótico francês foi adotado de modo hesitante. Em 1248, o ano da conclusão da Sainte-Chapelle, era colocada a primeira pedra da construção da catedral de Colônia.

Os mestres-pedreiros alemães tinham passado os seus anos de aprendizagem na França existindo, além disto, relações estreitas entre Paris e Colônia. No entanto, a construção da catedral de Colônia foi interrompida em 1560 e apenas retomada em 1842, terminando em 1880.

As igrejas-salão – o tipo de igreja dominante na Alemanha a partir de meados do séc XIV não eram, no geral, catedrais (igrejas episcopais) mas sim igrejas de conventos ou paroquiais (igrejas de várias freguesias nas cidades).

O GÓTICO NA ALEMANHA DO NORTE

Aqui a pedra natural era rara. O esforço dirigiu-se gradualmente para uma interpretação das formas (decorativas) das catedrais do gótico lassico com a silharia de pedra lavrada e de tijolo, a simplificação e abstração das estruturas, a aplicação de arcos cegos e a ornamentação geométrica sobre fundos cegos.

O GÓTICO NA ITÁLIA

O gótico italiano liberou-se ainda mais do modelo francês. O culto da habitação conduziu à edificação de palácios residenciais suntuosos como o Cá d'Oro em Veneza, iniciada em 1420. Já anteriormente o brio das cidades italianas e dos seus burgueses (ricos) tinha produzido Casas Comuns libertas do domínio da arquitetura sacra.

A tendência para uma arquitetura palatina é ainda mais marcante na Casa Comunal de Veneza, o palácio do Doge, regente desta cidade-república, que possuía o status de príncipe. O palácio do Doge foi ainda mais longe que a Cád'Oro. Em ambos os edifícios, mostra-se ainda mais claro do que na Alemanha, que as superfícies das paredes não tinham o aspecto pesado e maciço da românica, mas que parecessem antes painéis finos e leves.

A arq. ascética das ordens mendicantes teve uma grande influência sobre a arquitetura sacra italiana. O modelo foi a basílica paleocristã.

A CAMINHO DE UMA ARQUITETURA MAIS HUMANA

O gótico italiano pouco adotou dos modelos franceses. É na igreja florentina de Santa Maria dei Fiore (1296 – 1446) que se torna mais evidente a preferência italiana por espaços amplos. Marcadamente horizontais e de estruturação clara.

A burguesia italiana tinha ascendido ao poder e à prosperidade mais rapidamente que a alemã, desenvolvendo uma outra religiosidade, que resultou na transformação da arquitetura : o sagrado já não se opunha ao secular. Assim, o gótico italiano trazia já em sí o embrião do renascimento.

EDIÇÃO DO VITRÚVIO DE CESARIANO

O pintor, arquiteto e engenheiro Cesariano apresentou, em 1521, a primeira tradução para o italiano do tratado sobre arquitetura da antiguidade clássica de Vitruvius, com inúmeros comentários e ilustrações xilografadas. Cesariano desenvolveu, em paralelo com Leonardo, a afinidade das relações métricas do homem, do cosmos e da arquitetura, que viria mais tarde a ter uma grande influência sobre a teoria e a prática da arquitetura renascentista.



Catedral de Canterbury
Kent, Grã-Bretanha



Catedral de Lincoln
Lincolnshire, Grã-Bretanha



Catedral de Milão
Milão, Itália

Principalmente para os cistercienses a igreja já não tinha de ser o modelo da Jerusalém Celeste, mas um local de oração. Os sermões iam ocupando um papel cada vez mais importante no culto. **Os burgueses que habitavam as cidades, sobretudo mercadores, voltavam-se cada vez mais para as coisas deste mundo, onde realizavam as suas atividades, prosperava e mantinham relações comerciais com frequência através de grandes distâncias. Não que o além tivesse se tornado secundário, mas ia perdendo, pouco a pouco, o seu domínio opressivo sobre o pensamento das pessoas.**

A equivalência entre a vida neste mundo e no outro, germina o pensamento renascentista, que encontra a sua expressão maior numa maior atenção dada à imagem exterior das igrejas – as cidades altivas e os seus burgueses cheios de brio davam cada vez mais importância a uma imagem que os representasse.

Em paralelo surgiram, em número crescente, construções civis mais suntuosas, que representavam a cidade, a sua importância e a sua prosperidade. Se no auge do gótico a construção da catedral se encontra no centro da atividade construtiva, como obra da comunidade, agora o interesse também se voltava para o modo como a habitação e, em parte, o local de trabalho era modelado. Um exemplo é a sacada, da qual se podia observar confortavelmente a rua em ambas as direções, num nítido volver para as coisas deste mundo.

12- RENASCENTISTA

FLORENÇA E O QUATROCENTO

A arquitetura italiana na época do gótico, com os seus palácios urbanos, espaços claramente estruturados, uma modelação calma e um realce nítido da horizontalidade, já continha em si os genes da época seguinte, sendo-lhe por isto atribuída, não sem razão, a designação e proto-renascimento.

As cidades-estado, ricas e altivas, não eram dominadas pelo clero e nem pelos cavaleiros nobres com ideais abstratos, mas sim por uma burguesia. Tendo alcançado o poder e a prosperidade através das atividades mercantis, desenvolveram-se nelas uma religiosidade de um outro tipo : em vez do desejo de deixar rapidamente para trás a existência terrena "miserável" , determinante da época do gótico, o Homem descobria, agora, a beleza e a harmonia do mundo.

Renascimento é o nome que se dá ao período da história europeia, caracterizado por um renovado interesse pelo passado grego-romano clássico, que vai do século XV ao século XVI. **Fundamentado no conceito de que o homem é a medida de todas as coisas, o renascimento significou um retorno às formas e proporções da antiguidade greco-romana.**

Durante o séc. XIV surgiu o **Humanismo: baseia-se na experiência racional. As universidades libertam-se da igreja.** A única fonte literária de que os humanistas dispunham, no que se refere à arquitetura da Antiguidade clássica, eram os dez livros de arquitetura do engenheiro militar e arquiteto romano Vitruvius, um tratado escrito por volta de 25. A . C .

Ao descrever um universo como uma construção arquitetônica, Vitruvius desenvolve, com base nesta idéia, leis para o cosmo e para a arquitetura. Os termos técnicos incluídos neste tratado de arquitetura da Antiguidade clássica – o único da época que se conservou – são utilizados até hoje.

Platão, Aristóteles, Virgílio, Sêneca e outros autores greco-romanos começam a ser traduzidos e rapidamente difundidos. Desse modo, o espírito da antiga filosofia clássica não leva muito tempo para inundar as cortes da nova aristocracia burguesa. **O cavalheiro renascentista deve agora ser versado em todas as disciplinas artísticas e científicas.**

Imbuídas desse espírito, as famílias abastadas não hesitaram em atrair para seu mundo artistas de grande renome, aos quais deram seu apoio, tornando-se, afinal, seus mecenas. Músicos, poetas, filósofos, escultores, pintores, ourives e arquitetos saíram do anonimato imposto pelo período medieval e viram crescer seu nome e sua fama, juntamente com a de seus clientes. No norte da Europa, o pensamento humanista já tinha dado seus primeiros passos significativos.

Os artistas e os eruditos começaram a debruçar-se sobre o estudo do urbanismo ou das proporções do corpo humano que na Antiguidade clássica (grega) era o cânone para a totalidade da concepção. A re-descoberta dos conhecimentos da Antiguidade clássica também teve um papel importante no reavivar da construção de cúpulas. O elemento decisivo não foi apenas o saber, mas a vontade de as erigir.

O renascimento não se consumou na imitação exata da arquitetura da Antiguidade mas muito mais através de um modo de pensar e de ver o mundo.

EXPERIÊNCIAS EM FLORENÇA

Este movimento artístico começou a se manifestar na Itália, no século XIV, mais precisamente em Florença, cidade que a esta altura já tinha se tornado um estado independente e um dos centros comerciais mais importantes do mundo, resultado de um período de grande expansão econômica e demográfica dos séculos XII e XIII. e difundiu-se por toda a Europa, durante os séculos XV e XVI.

Florença foi a grande precursora no desenvolvimento do renascimento. O desejo expresso pelo renascimento de uma vida moderna, reatando com o legado rico e culto da Antiguidade clássica, conduziu a uma renovação abrangente das artes.



Catedral de Santa Maria Del Fiore
Florença

Surgiu em Florença a arquitetura do renascimento. **Atribui-se o seu início á construção da cúpula da catedral de Florença, em 1420**, por Filippo Brunelleschi, se bem que, em rigor, se tratasse de conclusão genial de uma obra gótica. A sua construção com dois cascos permitiu a modelação independente do interior e do exterior.

Ao contrário do gótico, os elementos construtivos eram escondidos. O aspecto exterior de uma obra resultava da modelação decidida pelo mestre construtor. **O mestre construtor produzia uma obra artística individual tendo sempre em consideração o aspecto global do edifício. Tinha deixado de ser visto, tal como na idade média, como artífice anônimo e servidor, mas sim como artista criador distinto, ou seja, como indivíduo.**

Em poucos anos, o renascimento difundiu-se pelas demais cidades italianas (período conhecido como quattrocento), para se estender pouco a pouco, em fins do século XV, ao resto do continente europeu, no chamado cinquecento, ou renascimento clássico. As bases desse movimento eram proporcionadas por uma corrente filosófica reinante, o humanismo, que descartava a escolástica medieval, até então reinante, e propunha o retorno às virtudes da antiguidade

A pintura e o desenho também alcançaram uma individualização artística, de uma fidelidade ao modelo natural até então desconhecida. **No séc. XIV a habitação voltou a ser, pela primeira vez desde a Antiguidade clássica, um tema da arquitetura : a elite das cidades italianas exigia moradias representativas, que permitissem a ostentação de seu valor.**

Os palazzi do proto-renascimento apresentam um aspecto exterior fechado e defensivo, rude e frio. Estes **palazzi mais antigos abem-se sobre um pátio interior retangular**, emoldurados por arcadas e loggias. **Aqui se exprime, de modo arquitetônico, um centrar-se sobre si próprio – fechado para o exterior mas aberto para si e para os seus, que corresponde à crescente importância dada ao indivíduo no renascimento.**

Alberti, o arquiteto do proto-renascimento, demonstrava um modo de pensar, no que respeita à divisão do trabalho e na atribuição do valor exclusivamente à **criação intelectual**, que o colocava muito à frente do seu tempo.

A CIRCUNFERÊNCIA COMO A MAIS PERFEITA DAS FORMAS

A circunferência simboliza a harmonia e o equilíbrio perfeitos. Segundo Alberti, apenas esta forma exprimia a essência de Deus e a sua criação : o corpo humano que, criado à imagem e semelhança de Deus, cabia exatamente nesta forma.

Por isto, **a circunferência ou o polígono eram considerados, não só por Alberti, como sendo a forma ideal para igrejas, e a única coroação adequada para um corpo construtivo deste tipo era a cúpula.**

O altar devia ficar no centro da igreja, com a comunidade de fiéis reunida à sua volta.

Foi graças ao reformador **Lutero e às universidades**, por intermédio do estudo das ciências exatas e da filosofia, que se difundiram as idéias de seus pares italianos. Por volta do fim do século XV, chegava da Espanha a notícia do **descobrimto de um novo continente**, a América, fato que mudaria a fisionomia do mundo para sempre. **O homem se distanciava assim, de modo definitivo, do período medieval para decididamente ingressar na modernidade.**

O termo renascimento foi empregado pela primeira vez em 1855, pelo historiador francês Jules Michelet, para referir-se ao descobrimto do Mundo e do homem no século XVI. O historiador suíço Jakob Burckhardt ampliou este conceito (1860), definindo essa época como o renascimento da humanidade e da consciência moderna, após um longo período de decadência.

EXEMPLOS DE ARQUITETURA RENASCENTISTA



Os arquitetos do renascimento conseguiram, mediante a medição e o estudo de antigos templos e ruínas, assim como pela aplicação da perspectiva, chegar à conclusão de que **uma obra arquitetônica, completamente diferente da que se vira até então, não era nada mais que pura geometria euclidiana.** O módulo de construção utilizado era o quadrado, que aplicado ao plano e ao espaço deu às novas edificações proporções totalmente harmônicas.

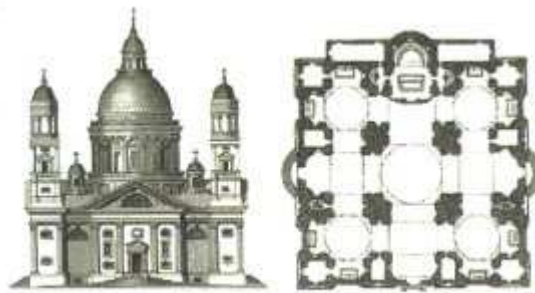
As ordens gregas de colunas substituíram os intermináveis pilares medievais e se impuseram no levantamento das paredes e na sustentação das abóbadas e cúpulas. São três as ordens mais utilizadas: a dórica, a jônica e a coríntia, originadas do classicismo grego. A aplicação dessas ordens não é arbitrária, elas representam as tão almejadas proporções humanas: a base é o pé, a coluna, o corpo, e o capitel, a cabeça.

EXEMPLOS DE CAPITÉIS SEGUNDO AS ORDENS CLÁSSICAS



As primeiras igrejas do renascimento mantêm a forma da cruz latina, o que resulta num espaço visivelmente mais longo do que largo. Entretanto, **para os teóricos da época, a forma ideal é representada pelo plano centralizado, ou a cruz grega, mais freqüente nas igrejas do renascimento clássico.**

EXEMPLOS DE IGREJAS RENASCENTISTAS



Igreja de Assunção em Gênova

As obras da arquitetura profana, os palácios particulares ou comunais, também foram construídas com base no quadrado.



Palácio Vázquez de Molina
Úbeda, Jaén



Palácio de Carlos V
Alhambra, Granada

Vistos de fora, esses palácios se apresentam como cubos sólidos, de tendência horizontal e com não mais de três andares, articulados tanto externa quanto internamente por colunas e pilares. Um pátio central, quadrangular, tem a função de fazer chegar a luz às janelas internas. A parede externa costuma receber um tratamento rústico, sendo a almofadilha mais leve nos andares superiores. A ordem das colunas varia de um andar para outro e costuma ser a seguinte: no andar térreo, a ordem toscana, uma variante da arquitetura romana; no pavimento principal, a jônica; e no superior, a coríntia. A divisão entre um nível e outro é feita por diferentes molduras e uma cornija que se estende por todo o piso de cada andar, exatamente abaixo das janelas. Têm geralmente forma retangular e são coroadas por uma finalização em arco ou triângulo.

O AUGE DO RENASCIMENTO E O RENASCIMENTO FINAL

Em meados do séc XV o humanismo tornou-se um movimento extremamente importante. **A conquista de Constantinopla em 1453 levou à fuga de muitos estudiosos gregos para a Itália, e a invenção da imprensa difundiu e alargou os conhecimentos e teorias.**

A "arquitetura não construída" (projetos) ganhou importância. O foco do desenvolvimento da arquitetura transferiu-se de Florença para Roma.

Pretendia-se agora desenvolver os edifícios de modo uniforme a partir do seu núcleo e tornar esta disposição orgânica igualmente visível na estruturação exterior. O Tempietto, em Roma, é considerado paradigma arquitetônico do alto renascimento. Esse pequeno edifício mostra bem como o renascimento retomou as formas da antiguidade clássica. Obra de Bramante que começou a projetar igrejas de plantas centradas de grandes dimensões, incluindo a nova catedral de São Pedro, em Roma, a sede do papado.

A construção da nova igreja foi realizada segundo as idéias de Miguelangelo, que se ocupava do monumental teto da Capela Sistina.

Uma vez que o observador é, no renascimento, a medida de todas as coisas, a sua capacidade de percepção espacial torna-se a medida da arquitetura. O observador deve ser iludido quando

a arquitetura – por motivos de espaço – não tem a possibilidade de criar uma experiência espacial penetrante. No período do barroco, este fenômeno foi aperfeiçoado até a ilusão absoluta

Em Roma, durante toda a primeira metade do século XVI - a Alta Renascença -, um arquiteto talentoso como Giuliano de Sangallo (1445-1516) uniu seu gênio ao do pintor Rafael Sanzio (1483-1520) para, juntos, dirigirem os trabalhos da Basílica de São Pedro.



Basílica de São Pedro Vaticano, Roma

Ainda em Roma, o arquiteto Bramante, cujo verdadeiro nome é Donato D'Agnolo (1444-1514), criou um tipo todo original de abóbada para a Igreja de Santa Maria das Graças, e ainda deu lições ao escultor, pintor e arquiteto Michelangelo Buonarroti (1475-1564). Vignola - como se chamava artisticamente Giacomo Barocchio (1507-1573) - edificou a Igreja de Jesus, que, pelo movimento de suas linhas e pela abundância de adornos, já prenunciava o barroco, estilo que vigorou no século seguinte.

Embora o centro fosse Roma, a arquitetura renascentista não se restringia à antiga cidade. Em Mântua, o arquiteto Leon Battista Alberti (1404-1472), autor de um tratado - *De Re Aedificatoria* (A Arte de Edificar), onde define a beleza como harmonia e proporção -, procurava resolver o conflito entre a igreja de plano direcional e a igreja de plano central, acrescentando uma nave a uma estrutura central, na Igreja de Santo André.



Alberti reivindica em seu *De Re Aedificatoria* que se mantenha um estilo padronizado nas fachadas dos edifícios e que sua altura seja regular, para se obter uma cidade mais bonita e harmoniosa, num claro ressurgimento do urbanismo clássico.

No norte da Itália, Andrea Palladio (1518-1580) realizava um trabalho tão importante e original que acabou influenciando a arquitetura inglesa dos séculos XVII e XVIII.

Todos eles dedicavam-se, sobretudo, à edificação de construções religiosas, das quais a mais ambiciosa é, sem dúvida, a Catedral de São Pedro, em Roma. Foi iniciada por Bramante em 1506, continuada por Michelangelo, acrescentada por Carlos Maderno (1556-1629) e adornada de colunas externas por Giovanni Lorenzo Bernini (1598-1680).

A Basílica de São Pedro

A Basílica de São Pedro é, por si mesma, alguma coisa de fenomenal. A Catedral de Notre Dame caberia facilmente dentro dela. Que tal imaginar a Estátua da Liberdade dentro da Basílica? Em baixo

de sua cúpula caberiam nada menos do que três estátuas, assim como a mesma cúpula poderia abrigar vários desses imensos foguetes da Nasa. Espantoso? É mesmo. A construção desse monumento, quase 500 anos atrás, foi um desafio à imaginação e à capacidade do homem superar dificuldades.



Cúpula da Basílica de São Pedro - Uma idéia do tamanho é dada se atentarmos que umas duas centenas de pessoas estão acumuladas folgadoamente na varanda indicada pela linha vermelha. Faça uma comparação das proporções.

Existia uma basílica antes dessa, no mesmo lugar, sobre o túmulo de São Pedro, considerado o primeiro Papa. Ficou conhecida como a velha São Pedro. Bem mais antiga, consagrada no ano de 326 era também uma construção monumental, com cinco grandes naves, mas estava em ruínas na época do Papa Júlio II, no século XV. O trabalho para restaurar a basílica era desanimador. Mas a personalidade de Júlio II, conhecido como "O Terrível", era a de um homem determinado. Ele chamou para a empreitada um arquiteto de nome Bramante. Os dois decidiram que melhor seria derrubar tudo e construir algo novo. Apesar da enorme reação popular, foi exatamente isso que empreenderam e na medida em que a nova construção ia ganhando forma, o mundo começou a maravilhar-se com ela. Bramante empenhou-se com afinco na conclusão da obra, mas parou diante do problema de construir a cúpula do tamanho que havia imaginado. Ele não sabia como fazer isso. Nem ele, nem o Papa e ninguém em Roma sabia como fazê-lo. O Papa e o arquiteto morreram sem completar a obra.



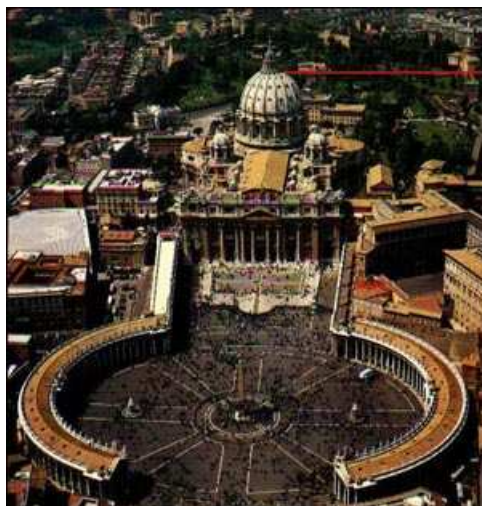
A mesma cúpula, com as pessoas na varanda, vista de uma aproximação menor do zoom, serve para mostrar um pouco mais a grandiosidade da igreja. As estátuas que você vê são, por si só grandiosas quando comparadas ao tamanho das pessoas, literalmente imperceptíveis a essa distância

Sucedeu a Júlio II o Papa Leão X. Papas houveram de todos os tipos e Leão X ficou na história de uma forma pouco lisonjeira. O novo papa constatou que não tinha recursos para continuar a obra e criou as indulgências, um pagamento que se fazia em vida para minimizar os pecados e diminuir as penalidades depois da morte. A prática não era exatamente uma novidade, mas foi intensificada e instituída de forma escandalosa. Leão X afirmou que "Deus me deu o papado. Vamos aproveitá-lo". Os padres vendiam as indulgências e o dinheiro começou a entrar na igreja aos borbotões. Por conta disso, também, milhares de católicos separaram-se da igreja e abandonaram o catolicismo sob a liderança de Martinho Lutero, criando o protestantismo. O tempo passava, a história acontecia e a cúpula da basílica não saía. Quatro décadas depois de colocada a primeira pedra, o Papa Paulo III chamou um gênio da arquitetura naquela época para resolver o problema: Michelangelo.



Visão mais geral da Basílica de São Pedro - difícil de imaginar alguma coisa assim, principalmente no tempo de Michelangelo, época em que o Brasil estava sendo descoberto e eram dados os primeiros passos da colonização portuguesa

Michelangelo já era famoso desde os 20 anos, quando fez o David, e seu trabalho, incluindo tudo o que tinha feito na Capela Sistina lhe emprestava a fama de gênio. Ele havia sido obrigado a passar quatro anos pintando afrescos no Vaticano por imposição do Papa Júlio II. De tudo fez o artista para não executar essa tarefa, por considerar-se mais escultor que pintor, mas Júlio II foi inflexível. Quando o Papa morreu, o artista estava doente pelo sacrifício de pintar constantemente em posições agressivas para o corpo, mas aos poucos foi se recuperando. Quando foi chamado por Paulo III para construir a cúpula da Basílica de São Pedro o pintor, escultor, escritor e arquiteto Michelangelo tinha 72 anos. Era muita idade naquele tempo onde não existiam antibióticos nem medicamentos e um dente inflamado podia ser fatal.



A Basílica de São Pedro, o pátio central e a nossa linha vermelha - tamanho monumental

A famosa cúpula pesa 37 milhões de quilos de diversos materiais. Só a clarabóia tem aproximadamente 1.500 toneladas. O empreendimento seria gigantesco ainda hoje, mas não esqueçam que estamos falando do início dos anos 1500. Michelangelo nasceu em 1476, em Arezzo, perto de Florença, com o nome de Michelangelo di Ludovico Buonarroti Simoni. Foi com o nome de Michelangelo Buonarroti - O Florentino, que gravou o seu nome no mármore de La Pietá, na roupa da Virgem, uma tarefa que embora não seja menos genial, foi muito mais fácil do que entregar todo esse material nas mãos dos operários em alturas e quantidades tão descomuns. Os sistemas de roldanas que serviam de guindastes não eram suficientes. Carroças subiam e desciam continuamente por rampas em forma de espiral embutidas nas paredes. A cúpula tem 150 metros. Se considerarmos três metros por andar, teremos aí a altura de um edifício de 50 andares, erguido na época do renascimento italiano.



A Capela Sistina e a criação de Adão - Michelangelo

A Basílica de São Pedro tem 390 estátuas, mais de 700 colunas e, junto com outros edifícios do Vaticano, abriga talvez o maior tesouro artístico da humanidade, superando o Louvre ou qualquer outro museu. A biblioteca do Vaticano guarda 150 mil genuínos documentos antigos extremamente preciosos e que servem como inesgotável e inestimável fonte de pesquisa. A Basílica conta a história do cristianismo desde o seu início e abriga as principais obras de Michelangelo, Leonardo da Vinci, Rafael, Bernini e um sem fim de artistas italianos e do resto da Europa. Naquela época os artistas corriam para Roma não só em busca do dinheiro e da fama, mas pela possibilidade de realizar as suas idéias e os seus sonhos. Era ali em Roma onde as coisas aconteciam, mais do que na França ou Inglaterra. Roma, que um dia havia sido a sede de um império que de tão vasto dizia-se que "todos os caminhos levam a Roma", que foi depois saqueada pelos bárbaros; Roma, cuja queda determinou o início da Idade Média, na época do renascimento voltou a ser a cidade mais prodigiosa do universo.

Naquela época a arte significava a mais importante mídia interativa com o povo. Livros e pergaminhos eram caríssimos e inacessíveis para a maior parte da população, o que dá um valor maior ainda aos 150 mil volumes do Vaticano. Não havia jornal ou revistas. Não havia cinema, fotografia, Internet e nada do que conhecemos como mídia atualmente. O que o povo conseguia ler eram as pinturas e esculturas feitas pelos artistas e aprendizes de artista. Por isso eles eram tão consagrados e protegidos pelos reis. Como poderiam os reis ter o registro dos seus feitos e de sua vida se não fossem os artistas? Ainda hoje a basílica de São Pedro é visitada por milhões de pessoas todos os anos e continua sendo uma mídia poderosa para as mensagens do Vaticano, sejam elas políticas ou religiosas

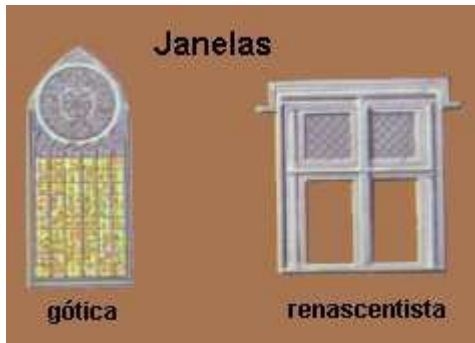
As duas formas arquitetônicas - gótica e renascentista - conviveram durante mais de duzentos anos, após o que seriam de certa forma eclipsadas pelo barroco. Se no princípio rivalizavam entre si, logo mais passaram a completar-se. Os adornos, os elementos decorativos, a forma das colunas góticas desapareceram, em favor da decoração renascentista. Contudo, muitas das grandes obras renascentistas não poderiam ter surgido sem o conhecimento da técnica do gótico.



O arco ogival ou em ponta é típico do estilo gótico e permitia sustentar abóbadas elevadas. O arco renascentista, ao contrário do arco gótico, tinha a forma curvilínea, de pura inspiração romana clássica.

A coluna gótica, constituída de feixes de pilares, devia servir de sustentáculo à estrutura da abóbada. A coluna renascentista, simples, com capitólio coríntio, foi empregada na construção de pórticos e arcadas.

Nas abóbadas góticas, arcos ogivais encontram-se no alto e se apóiam em colunas: é a abóbada de nervuras. A abóbada renascentista tem a forma de um semicírculo formando um teto liso ou ainda em quadros.



A janela gótica, alta e estreita, tem vitrais coloridos e frontões bastante pontiagudos.

A janela renascentista, quadrada e mais ampla que a gótica, tem o vidro transparente e incolor, dando maior claridade.

Em suma, pelo Renascimento adentro, o que preponderou nas construções religiosas e leigas da Itália foi o estilo renascentista, mas a técnica da construção gótica foi de grande valia para os feitos dos grandes arquitetos italianos.

MIGUELANGELO

Miguelangelo passou seus anos decisivos em Florença. Lorenzo de Médicis fomentou a arte deste jovem de 15 anos. No ano de 1496, aos 21 anos, Miguelangelo parte para Roma, onde em 48 esculpe a sua Pietá para a igreja de São Pedro.

Miguelangelo chegou à arquitetura relativamente tarde, quando já com 40 anos – começou a trabalhar nos projetos da fachada de São Lourenço, em Florença. Em 1547 assumiu a direção da obra da igreja de São Pedro. Esta igreja já existia desde 324 d.c., tendo passado por várias reformas. A dimensão da obra já se encontrava definida pelo projeto de Bramante e pelas partes já construídas. No entanto, Miguelangelo pode racionalizar a planta, mantendo a idéia principal : um edifício de planta centrada em cruz grega com cúpula central.

Miguelangelo colocou sobre o cruzeiro uma magnífica cúpula, uma obra prima da engenharia e da harmonia arquitetônica. Miguelangelo é incontestavelmente um dos mais importantes e multifacetados artistas da história da humanidade. O seu gênio universal influenciou as três artes de modo duradouro através dos séculos.

ANDREA PALLADIO

Durante o séc XVI, a república de Veneza, e a região circundante, permitiu que a arquitetura do renascimento alcançasse uma síntese feliz e de grande maturidade com Andrea Palladio. O palladianismo foi de tal modo fértil que influenciou os arquitetos das épocas seguintes, por exemplo, o neoclassicismo inglês.

O seu mestre mais importante foi Trissino. Como humanista, familiarizado como neoplatonismo, Trissino remeteu-o para a teoria da arquitetura da antiguidade clássica – os 10 livros de Vitruvius. Palladio publicou os seus próprios 4 livros sobre a arquitetura, na continuação da grande tradição de Vitruvius e Alberti.

A tipologia que leva ao mais apurado desenvolvimento da elegância e da originalidade da arte de Palladio é a casa de campo. O auge da obra de Paládio é atingido por "La Rotonda" que simboliza, tal como o Panteão e o Tempietto, a harmonia perfeita entre o homem e o cosmos. Para os humanistas, um local sublime, ideal para a troca de idéias.

Em 1580, o ano de sua morte, Palladio regressa uma vez mais à antiguidade clássica com o Teatro Olímpico, na província de Veneza

OS PRÉDIOS SECULARES

Durante a renascença dois tipos de construção secular destacaram-se na Itália: o *palazzo* ou palácio, e a *villa*. **Os palácios, nos inícios do renascimento, constituíam uma edificação intermediária**

entre a fortaleza e a casa senhorial. Sua estrutura particular era uma conseqüência das contínuas lutas políticas que se desencadeavam nas cidades: não raro, os membros de um partido atacavam o palácio de um rival. Por isso, os palácios constituíam verdadeiros blocos de pedra maciça.



Palácio Farnese, Roma



Palácio de Sisto V, Roma

O pátio renascentista conferia ao interior do palácio o aspecto elegante e sóbrio que falta ao exterior da construção. Pela beleza do pátio interno, pode-se aquilatar a vida luxuosa que levavam os príncipes e ricos mercadores do Renascimento.



Pátio interno do Palácio Gondi (Florença)

Em muitas cidades italianas era comum que esses palácios fossem também estabelecimentos comerciais. Os grandes mercadores e suas famílias habitavam o primeiro andar do edifício, enquanto que o térreo era ocupado por lojas e armazéns.

A villa nada mais era senão uma adaptação da velha *domus romana*. Com sua *loggia* (galeria) e seus amplos terraços, situa-se no centro de um imenso jardim. O mais característico exemplo dessa construção é a Villa Capra, em Veneza, obra do arquiteto Palladio.



Villa Aldobrandini
Lácio, Itália



Fonte no jardim da Villa Aldobrandini
Lácio, Itália

ARQUITETURA RENASCENTISTA NO RESTO DA EUROPA

Pela época do século XV ao XVI desenvolveu-se, fora da Itália, um estilo arquitetônico misto, combinação do renascentista e gótico. Os primeiros elementos renascentistas introduzidos nas construções dos países europeus, principalmente nos da Europa setentrional, foram os motivos de decoração. Mais tarde, por volta de 1540, a arquitetura nesses lugares passou a inspirar-se diretamente nas fontes clássicas.

Na França e na Alemanha, baluartes do gótico, este era ainda tão dominante que o novo estilo arquitetônico só conseguiu se impor com dificuldades. Na França centralista, a construção de palácios tinha adquirido já no séc XVI uma importância preeminente. Os arquitetos que trabalhavam a norte dos Alpes não conheciam freqüentemente os edifícios renascentistas nem os da antiguidade clássica, orientando-se apenas por gravuras e os livros de arquitetura de Vitruvius e Palladio, entre outros.

Entre os edifícios mais famosos desta categoria está o Louvre, de Paris, iniciado em 1546, e o maior de todos os palácios do Loire, que nunca chegou a ser concluído : Chambord : o exemplo mais extremado da tradição gótica no que se refere às coberturas inclinadas ricamente decoradas com elementos sobrepostos, que foi continuada em quase todos os palácios renascentistas franceses

Os franceses foram resistentes em aceitar as inovações artísticas oriundas da Itália e, apenas no século XVI, conseqüência da presença de muitos artistas italianos na corte de Francisco I, é que começaram a adotá-las.



Museu de Louvre (fachada) Pierre Lescot – Paris

Exatamente nos castelos franceses - sobretudo o de Blois e o de Fontainebleau - a influência clássica é mais relevante.

O PROTESTANTISMO E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Na Alemanha a situação era semelhante. Tal como em França, utilizavam-se elementos da nova arquitetura – janelas retangulares, entablamentos em parte coroados com obeliscos, empenas "escalonadas".

Na Alemanha as conseqüências do pensamento renascentista sobre a religião foram mais importantes do que sua arquitetura : Martinho Lutero traduz a bíblia, que só circulava em latim, para o alemão, tornando-a assim, acessível a todos.

A recusa de promover reformas por parte do papa, do clero e do imperador conduziu, por fim, à cisão da igreja. A arte não deveria contribuir para medir a fé. Durante a Reforma houve ataques iconoclastas em que foram destruídas pinturas e esculturas de conteúdo religioso.

Na Alemanha, a influência renascentista italiana introduziu-se lentamente. A construção Alemã mantinha-se fiel à tradição gótica, mas ainda assim os edifícios da primeira metade do século XVI apresentam uma rica superestrutura ornamental, com motivos decorativos renascentistas. Apesar da arquitetura alemã manter-se vinculada ao passado gótico, vários de seus artistas foram capazes de fundir a herança medieval com a nova estética. Essa mescla - planta gótica, ornatos renascentistas - verifica-se principalmente nas construções seculares, de modo mais harmonioso nos magníficos castelos de Heidelberg e Trogau. Nas igrejas, mantêm-se as linhas góticas tradicionais.

Em Portugal, o gótico aliou-se a elementos mouros, preludiando o estilo português renascentista conhecido como *manuelino*, nome derivado do soberano Manuel, o Venturoso. Os arquitetos espanhóis interpretaram o renascimento à sua maneira: desprezaram a simplicidade e a harmonia de equilíbrio dos edifícios italianos, e, ao lado de enfeites renascentistas, empregavam com profusão e fantasia motivos árabes, sobretudo na ornamentação de igrejas e palácios. Como seu trabalho era semelhante às obras de um ourives (*platero*, em espanhol), esse estilo recebeu o nome de *plateresco*. Seus exemplos mais típicos encontram-se em Toledo (Hospital de Santa Cruz), em vários palácios de Castela e na célebre Universidade de Salamanca.



Universidade de Salamanca(fachada)

Ao sul da Espanha, na Andaluzia, a arquitetura foi mais sóbria, com uma estrutura harmoniosa e uma decoração em estilo coríntio. Comprovam essa fidelidade aos cânones clássicos as catedrais de Málaga, Jaén e Granada. **E não só na Europa ocidental o núcleo artístico florentino deixou marcas profundas: alguns edifícios que compõem o Kremlin, em Moscou, são obra de arquitetos florentinos.**

O PALLADIANISMO CHEGA À INGLATERRA

Na Inglaterra, a arquitetura gótica perdurou durante tanto tempo que o renascimento quase não deixou sedimentos na edificação sacra

CONCLUSÃO - RENASCIMENTO EM DOIS TEMPOS

Como as outras artes, também a arquitetura do Renascimento divide-se em dois períodos: século XV e século XVI. O estilo da primeira etapa (século XV), centralizada em Florença, é mais leve, mais simples; o da segunda (século XVI), estabelecida em Roma, é mais rico e grandioso: em suas fachadas proliferam as estátuas, os nichos e os portais. **A última obra-prima desta segunda fase é a cúpula da Basílica de São Pedro, em Roma, obra de Michelangelo, que já prenunciava o fausto barroco, surgido no fim do século XVI.**

1- ARQUITETURA RENASCENTISTA DO SÉCULO XV



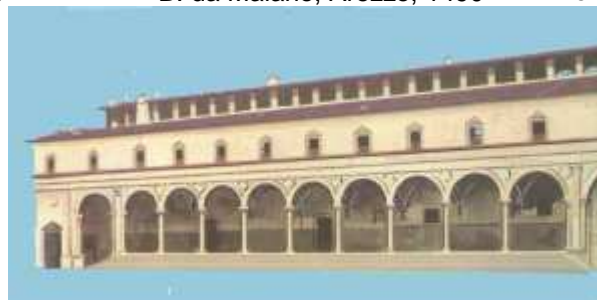
Capela dos Pazzi
Brunelleschi, 1429



Pórtico de Santa Maria das Graças
B. da Maiano, Arezzo, 1490



Santa Maria das Graças
Donato Bramante, Milão, 1488



Pórtico do Hospital dos Inocentes
Brunelleschi, Florença, 1419

2- ARQUITETURA RENASCENTISTA DO SÉCULO XVI

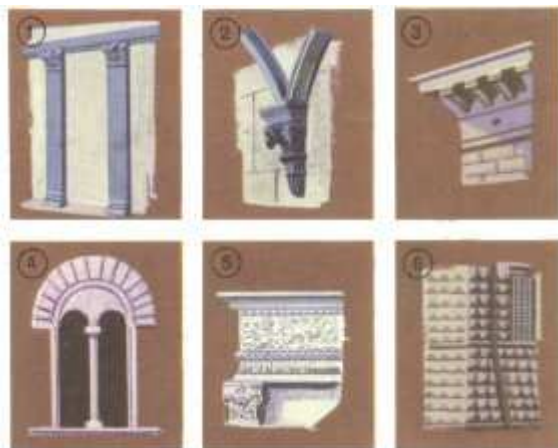


Villa Rotonda
(arquiteto Andrea Palladio, Veneza, 1567)



Palácio Farnese, em Roma
(Antonio da Sangallo, o jovem e Michelangelo, 1517)

ELEMENTOS CARACTERÍSTICOS DA ARQUITETURA RENASCENTISTA



- 1 - Colunas
- 2 - Capitéis suspensos
- 3 - Cornijas salientes
- 4 - Janelas de dupla abertura
- 5 - Capitéis com festões decorativos
- 6 - Altos-relevos

TRANSIÇÃO FLUÍDA PARA O BARROCO

As tendências barrocas tornaram-se mais visíveis em Veneza. Os primeiros sinais do Maneirismo tornam-se aqui evidentes. Com o auxílio de contrafortes, conscientemente compostos, entre os vários elementos arquitetônicos, **procurava-se quebrar a ordem de modo irônico e manifestar através da construção o fato do mundo se encontrar fora dos eixos.**

O espírito do renascimento tinha posto em marcha uma revolução, cuja dinâmica conduziu ao fim desta época. Copérnico reconheceu que o "geocentrismo", tenazmente defendido pela igreja, estava errado. A descoberta da América comprova que a terra não era um disco sob uma campânula.

O luxo excessivo dos papas do renascimento conduziu à fundação de uma nova religião, independente de Roma. O equilíbrio do mundo vacilou.

A resposta da nobreza, assim como a do clero, foi a repressão da procura da liberdade individual. Na Espanha foi edificado o **Escorial**, uma construção monumental que constitui uma expressão exemplar da transição para um novo modo de pensar : **a reunião de um convento, um palácio e uma igreja numa única edificação na qual o rei residia diretamente do lado da casa de Deus mostrava a pretensão do monarca de ser um soberano "pela graça divina", em conformidade com o espírito barroco.**

PLANO DE ENSINO	2009/1
------------------------	---------------

CÓDIGO	DISCIPLINA	PERÍODO	CARGA HORÁRIA		
			TEÓRICA	PRÁTICA	TOTAL
AQT103	HAR: História da Arquitetura e Urbanismo: da Antiguidade ao Renascimento	1º	72	0	72

DOCENTE	Solange Irene Smolarek Dias
----------------	-----------------------------

EMENTA:

História do urbanismo e da arquitetura, no contexto de seus condicionantes sociais, econômicos e políticos, desde os primórdios da civilização até o Renascimento.

OBJETIVOS

Compreender a história da arquitetura e do urbanismo, até o século XVI e estar apto a compreender a história da arquitetura e do urbanismo após o século XVI.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO (Enumerar títulos e subtítulos)

1º BIMESTRE

- **Desenvolvimento das cidades**
- Egito antigo
- Grécia antiga
- Roma antiga
- Arq. Bizantina
- Mosteiros
- Românico
- Islã

2º BIMESTRE

- Mundo gótico
 - Rendilhado;
 - Características góticas;
 - Visões do paraíso;
 - Gótico secular;
 - Castelos;
 - Gótico tardio.
- Renascimento
 - Introdução;
 - Início do moderno;
 - Veneza;
 - Alto Renascimento;
 - Maneirismo;
 - Palladio

METODOLOGIA DE ENSINO / RECURSOS

Serão utilizados os seguintes recursos metodológicos:

- aula expositiva,
- seminários,
- trabalhos em equipe,
- apresentação de filmes.

RECURSOS HUMANOS / MATERIAIS OU FÍSICOS		
HUMANOS: <input type="checkbox"/> Autoridades <input type="checkbox"/> Profissionais da área <input type="checkbox"/> Profissionais de outras áreas <input type="checkbox"/> Pessoas da comunidade <input type="checkbox"/> Alunos de outras turmas <input type="checkbox"/> Alunos monitores <input type="checkbox"/> Professores auxiliares:	MATERIAIS OU FÍSICOS: <input type="checkbox"/> Visitas técnicas e/ou viagens de estudo à centros de pesquisa, entidades, ambientes naturais ou construídos, e outros <input type="checkbox"/> Levantamento de campo <input checked="" type="checkbox"/> Fitas em vídeo <input checked="" type="checkbox"/> Televisão e vídeo <input checked="" type="checkbox"/> Datashow <input checked="" type="checkbox"/> Retroprojektor <input checked="" type="checkbox"/> DVD	<input type="checkbox"/> Atelier <input type="checkbox"/> Laboratórios: <input type="checkbox"/> Conforto Ambiental <input type="checkbox"/> Modelos Reduzidos <input type="checkbox"/> Projetos <input type="checkbox"/> Técnicas Retrospectivas <input type="checkbox"/> Tecnologia e Materiais de Construção <input type="checkbox"/> Informática <input type="checkbox"/> Geoprocessamento <input type="checkbox"/> Outros:

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO
<p>1) Avaliação Geral da Instituição:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Serão aprovados os(as) alunos(as) que obtiverem: média $A \geq 7,00$ - Exame: $3,00 \leq \text{Média } A < 7,00$ obtido através da fórmula: $A = (N_{B1} + N_{B2}) / 2,00$ - Nota do Bimestre = $(\sum \text{Nota Trabalho} \times \text{Peso Trabalho}) + (\sum \text{Nota Prova} \times \text{Peso Prova})$ - $N_B = (N_{T1} + N_{T2} + \dots + N_{Tn} \times P_T) + (N_P \times P_P)$ <p>2) Específico da Disciplina (provas e trabalhos, juntamente com seus respectivos pesos):</p> <p>2.1. 1º bimestre</p> <p>2.1. 1º bimestre Avaliação escrita individual, objetiva, com permissão de consulta à material bibliográfico e apontamentos originais e individuais. Dia 03/04/09, das 20:50 às 22:30 hs. A nota será de 0 a 10, com peso de 100% na nota bimestral.</p> <p>2.2. 2º bimestre Avaliação escrita individual, objetiva, com permissão de consulta à material bibliográfico e apontamentos originais e individuais. Dia 19/06/09, das 20:50 às 22:30 hs. A nota será de 0 a 10, com peso de 100% na nota bimestral.</p> <p>2.3. Exame final Avaliação individual, escrita, objetiva e/ou subjetiva, sobre assuntos estudados na disciplina. Dia 04/07/09, das 11:00 às 12:40. Permitida a consulta a material bibliográfico e anotações pessoais. Avaliação contendo assuntos estudados na disciplina, e que sirvam para verificar o grau de compreensão e atingimento dos objetivos da disciplina pelo aluno em exame final.</p> <p>2.4. Divulgação das avaliações As notas das avaliações bimestrais e exame final serão divulgados através do Sistema SAGRES, até o prazo limite determinado pelo calendário acadêmico da FAG. As avaliações bimestrais serão devolvidas aos alunos, com as respectivas correções dos professores. Os exames finais serão entregues na Secretaria Acadêmica, juntamente com o Diário de Classe.</p> <p>2.5. Incongruência de avaliações Conforme decisão de colegiado definida em reunião de 28/05/2008, havendo a percepção pelo professor, de que trabalhos de avaliações de aprendizagens entregues por alunos, possuem incongruência de linguagem (escrita e/ou gráfica) com o desempenho do aluno em sala de aula, será possível a arguição oral, gráfica e/ou textual do aluno/autor; o objetivo será a comprovação de autenticidade, autoria e correta avaliação do aluno. Caberá ao professor da disciplina a definição de hora, local, instrumento avaliatório, bem como se a arguição oral, gráfica e/ou textual do aluno/autor ocorrerá com o auxílio de outro professor, ou não. Se ficar claro o vício do instrumento avaliatório entregue pelo aluno, opta-se pela nota obtida na arguição oral, gráfica e/ou textual, cabendo ao professor da disciplina o relato do fato no Diário de Classe - prontuário do aluno; e à coordenação, para os trâmites legais pertinentes.</p>

BIBLIOGRAFIA
BÁSICA BENEVOLO, Leonardo. História da Cidade . São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003. HAROUEL, Jean-Louis. História do Urbanismo . Campinas: Papirus, 1990.

COMPLEMENTAR

CECKA, Jan. **Tendencia de la Arquitectura Contemporánea**. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

DIAS, Solange Irene Smolarek. **História da Arquitetura e Urbanismo: da Antiguidade ao Renascimento**. Cascavel: CAUFAG, 2009.

KIEFER, Flávio. LIMA, Raquel Rodrigues. MAGLIA, Viviane Villas Boas (orgs.). **Crítica na Arquitetura – V encontro de teoria e história da arquitetura**. Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis. Jun.2001. v 3. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2001.

PANOFSK, Erwin. **Arquitetura Gótica e Escolástica, sobre a analogia entre arte, filosofia e teologia na idade média**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

DATA: 30/01/2009

Aprovado pelo colegiado conforme ata n.º 02/2009

Profº Arq. Solange Irene Smolarek Dias, doutoranda
Docente titular da Disciplina

Profª Arq. Solange Irene Smolarek Dias,
doutoranda.
Coordenador do Curso Arquitetura e Urbanismo

CALENDÁRIO ACADÊMICO - CAUFAG 2009.1

(aprovado em Reunião de Colegiado 01/2009, de 26/01/2009)

Disciplina: HISTÓRIA DA ARQUITETURA E URBANISMO: DA ANTIGUIDADE AO RENASCIMENTO – 1º P
 Dias da semana e horários das aulas: sextas das 20:50 às 22:30 e sábados das 11:00 às 12:40

FEVEREIRO					
seg	ter	qua	qui	sex	sab
02	03	04	05	06	07
09	10	11	12	13	14
16	17	18	19	20	21
23	24	25	26	27	28
MARÇO					
seg	ter	qua	qui	sex	sab
02	03	04	05	06	07
09	10	11	12	13	14
16	17	18	19	20	21
23	24	25	26	27	28
30	31				
ABRIL					
seg	ter	qua	qui	sex	sab
		01	02	03 aval 1º b	04
06	07	08	09	10	11
13	14	15	16	17	18
20	21	22	23	24	25
27	28	29	30		
MAIO					
seg	ter	qua	qui	sex	sab
				01	02
04	05	06	07	08	09
11	12	13	14	15	16
18	19	20	21	22	23
25	26	27	28	29	30
JUNHO					
seg	ter	qua	qui	sex	sab
01	02	03	04	05	06
08	09	10	11	12	13
15	16	17	18	19 aval 2º b	20
22	23	24	25	26	27
29	30				
JULHO					
seg	ter	qua	qui	sex	sab
		01	02	03	04 exame
06	07	08	09	10	11
13	14	15	16	17	18

CONVENÇÕES

	Feriados
	Recesso discente
	Início e término do semestre letivo
	Dias letivos
	Semana Acadêmica CAUFAG 2009
	Último prazo para lançamento das notas bimestrais e dos exames finais
04/07/2009	Realização de exames finais
	Entrega Diários de Classe, bancas de revisão exames e planejamento 2009.2.
	Trabalhos internos (planejamento 2009.2)
	Aulas teóricas da disciplina

CÓDIGO	DISCIPLINA	PERÍODO	CARGA HORÁRIA
AQT103	HAR: História da Arquitetura e Urbanismo: da Antiguidade ao Renascimento	1º	72 horas = 87 encontros
DOCENTE	Solange Irene Smolarek Dias		

Encontro nº	Data	Conteúdo Planejado
01/02	06/02	Apresentação do Plano de Ensino, bibliografia e sistema de avaliação da disciplina.
03/04	07/02	Desenvolvimento das cidades
05/06	13/02	Egito antigo na arquitetura
07/08	14/02	Egito antigo no urbanismo
08/10	20/02	Grécia antiga na arquitetura
11/12	21/02	Grécia antiga no urbanismo
13/14	27/02	Roma antiga na arquitetura
15/16	28/02	Roma antiga no urbanismo
17/18	06/03	Arq. Bizantina na arquitetura
19/20	07/03	Arq. Bizantina no urbanismo
21/22	13/03	Mosteiros na arquitetura e no urbanismo
23/24	14/03	Românico na arquitetura
25/26	20/03	Românico no urbanismo
27/28	21/03	Islã na arquitetura
29/30	27/03	Islã no urbanismo
31/32	28/03	Revisão do conteúdo do 1º bimestre
33/34	03/04	Avaliação 1º bimestre
35/36	04/04	Feedback da aprendizagem, com correção e seminário da avaliação do 1º bimestre
37/38	17/04	Gótico Rendilhado na arquitetura
39/40	18/04	Gótico Rendilhado no urbanismo
41/42	24/04	Características góticas na arquitetura
43/44	25/04	Características góticas no urbanismo
45/46	02/05	Gótico: Visões do paraíso na arquitetura e no urbanismo
47/48	08/05	Gótico secular na arquitetura
49/50	09/05	Gótico secular no urbanismo
51/52	15/05	Gótico: Castelos na arquitetura e no urbanismo
53/54	16/05	Gótico tardio na arquitetura e no urbanismo
55/56	22/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
57/58	22/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
59/60	22/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
61/62	22/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
63/64	23/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
65/66	23/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
67/68	23/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
69/70	23/05	Projeto integrador na Semana Acadêmica da Arquitetura e urbanismo
71/72	29/05	Renascimento: Início do moderno na arquitetura e no urbanismo
73/74	30/05	Renascimento: Veneza na arquitetura e no urbanismo
75/76	05/06	Renascimento: Alto renascimento
77/78	06/06	Renascimento: Palladio
79/80	13/06	Revisão do conteúdo do 2º bimestre
81/82	19/06	Avaliação 2º bimestre
83/84	20/06	Feedback aprendizagem, com correção e seminário da avaliação do 2º bimestre
85/86	26/06	Seminário de integração de conteúdos da disciplina
87/88	27/06	Seminário de avaliação da metodologia de ensino da disciplina no semestre

Exame Final: 04/07/09 das 11:00 às 12:40 na sala de aula da disciplina